

Abre Jense

REVISTA LITERÁRIA



nº 3
Junho 2023



ACADEMIA BRASILEIRA ROTÁRIA DE LETRAS, SEÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Praça da República, nº 7
Centro – Niterói – RJ
CEP 24020-099

site: abrolrj.org.br
e-mail: abrolrj@yahoo.com

DATA DA FUNDAÇÃO DA ABROL RJ
16 de junho de 2020

DIRETORIA 2022-2024

Presidente

Matilde Carone Slaibi Conti

Vice-Presidente

Themístocles Américo Caldas Pinho

Secretário

Justiniano Conhasca

2ª Secretária

Ângela Cristina Ferreira de Siqueira

Tesoureira

Angela Maria Riccomi de Paula

2ª Tesoureiro

Miguel Mendonça Pinheiro

Diretor de Acervo Documental

Daniella Vita Carbutti Gomes

Nº 3 – Junho 2023

ABROLENSE é uma publicação da Academia Brasileira Rotária de Letras, Seção do Estado do Rio de Janeiro. A revista não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados.

DIRETORA DE REDAÇÃO

Matilde Carone Slaibi Conti

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Matilde Carone Slaibi Conti
Waldenir de Bragança

REVISÃO

Christiane Braga Victer

PROJETO GRÁFICO / ARTE

Cleide Villela Abib

CAPA

Cleide Villela Abib
Demétrio Francisco da Silva

FOTO DA CAPA

Acácia Brazil de Mello

CRÉDITOS EDITORIAIS

Christiane Braga Victer
Cleide Villela Abib



A Revista ABROLENSE está disponível no site www.abrolrj.org.br

Seu conteúdo é de propriedade exclusiva da ABROLRJ, não podendo ser reproduzido de nenhuma forma, em parte ou totalmente, sem autorização prévia por escrito da diretoria da instituição.
Distribuição gratuita / esta publicação não pode ser vendida ou comercializada

5 EDITORIAL

PERSONALIDADE ROTÁRIA

7 Acácia Brazil de Mello

ENTREVISTA

10 Waldenir de Bragança

ABROLRJ

18 Perfil – Carla Vorsatz

19 Perfil – Ricardo Pinho

MOMENTO LITERÁRIO

20 O poder ressignificativo da palavra poética

22 Recomeçar na Vida – seguindo em frente em busca da evolução constante

MEMÓRIAS E CULTURAS

23 A Expansão da ABROL

24 A Constituição Temporã

26 A importância de Machado de Assis: mais de um século da sua morte
Contribuições e Impactos da Inteligência Artificial na Saúde Mental

28 Marie Curie – notável personalidade

30 O Companheirismo

34 O Rotary Ideal

35 Pessoas fazem histórias... Pessoas têm histórias

37 Se você jurar – Ismael Silva

BICO DE PENA

39 Conheça sua língua

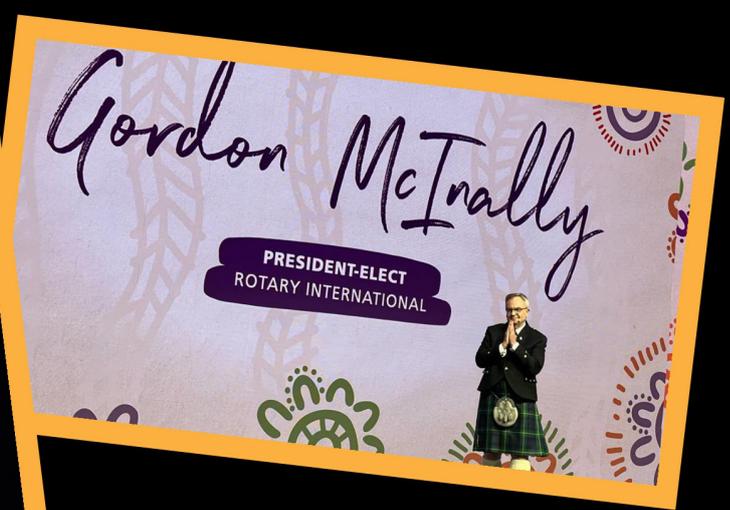
ESTRO

42 Soneto - Benção Estelar

43 Poesia - Avante, Brasil!

44 Resenha – Direito Ambiental Bíblico

45 NOMINATA



IMAGINE MELBOURNE,
WHAT'S AUSTRALIA
NEXT 27-31 MAY

#Rotary23





Matilde Carone Slaibi Conti
Presidente da ABROL Estado do Rio de Janeiro
Rotary Club de Niterói

Caro leitor

Este é um momento de grande alegria, pois aqui estamos nós apresentando um novo número da revista digital, Abrolense. Nos engalanamos e adentramos devagarinho com muito carinho e com um redobrado respeito, diante dessa instituição tão honrada, com o mesmo respeito, que na Antiguidade se prestava aos locais considerados santos e sagrados, pois a Academia Brasileira Rotária de Letras, a ABROL, é também um santuário de conhecimento e de brasilidade.

A ABROL semeia cultura, escrevendo a História do nosso Distrito, do nosso Rotary semeando canteiros de saberes, como se flores fossem a perfumar o caminho.

Lembro-me das palavras do filósofo Friedrich Nietzsche que morreu no início do século passado e que nos dizia: "Eu sou vários. Há multidões em mim. Na mesa da minha alma sentam-se muitos e eu sou todos eles".

Neste momento, dentro deste contexto sinto-me envolvida pela fulgente luz da literatura brindando à amizade, ao companheirismo e ao amor, neste mês de junho, mês dos namorados.

Então, aos enamorados, vamos apresentar fragmentos de um dos mais lindos sonetos de amor, jamais vistos, do nosso poeta Camões.

*Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói, e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.*

Obrigada por unirem seus sonhos aos nossos, por erigirmos uma bela, eterna e monumental Academia Rotária dedicada à cultura, e a todos os tipos de saberes.

Boa leitura!



JUNTOS, NÓS

EMPODERAMOS

Seja organizando cursos profissionalizantes para mulheres ou apoiando programas de microcrédito para novos empreendedores, nós ajudamos a transformar boas ideias em realidade.

Nós somos Rotary. Nós somos Pessoas em Ação. Saiba mais em Rotary.org.

Rotary



PESSOAS EM AÇÃO



ACÁCIA BRAZIL DE MELLO

Patrona da Cadeira nº 10 da ABROL - Estado do Rio

A presença luminosa de Acácia Brazil de Mello muito significa para Rotary. Ao lado do presidente de RI Ernesto Imbassahy de Mello (1975/76), ela levou ao mundo a mensagem "DIGNIFICAR O SER HUMANO". Primeira presidente da Casa da Amizade das Rotarianas e Senhoras de Rotarianos de Niterói, em 1949, teve intensa participação na vida de Rotary desde seu casamento, aos 18 anos, com o então secretário do Rotary C. Niterói.

É de ressaltar o lado musical da querida mestra Acácia. A sua longa carreira de harpista confunde-se com a própria história da harpa em nosso país. Segundo ela, desde que nasceu foi "destinada a tocar harpa". Dona de incrível sonoridade, talento e sensibilidade invulgar, Acácia Brazil destacou-se como solista, solista com orquestra e camerista.

A professora Dilma Graneiro, de saudosa memória – também ela ex-presidente da Casa da Amizade de Niterói – recolheu ricas informações desta Mulher Símbolo do Distrito 4750, que bem pode simbolizar a maravilhosa influência da Mulher em Rotary, em todos os recantos da Terra.

A ilustre musicista nasceu em Niterói, em 24 de maio de 1921, filha de Dinah Carneiro Vianna e Vital Brazil Mineiro da Campanha – o renomado médico e cientista, fundador do instituto que leva o seu nome.

Vocacionada para a música, desde os 9 anos começou a estudar e tocar harpa, instrumento que seu pai muito admirava, tendo como professora a harpista espanhola Lea Bach. Aos 10 anos, em 23 de agosto de 1931, fez sua apresentação de estreia no Teatro Cassino, no Rio de Janeiro, acompanhando a professora.

Em 1939 formou-se pela Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, hoje UFRJ, onde mais tarde trabalhou como professora, assim como no Conservatório de Música de Niterói. No mesmo ano, casou-se com o advogado Ernesto Imbassahy de Mello, com quem teve três filhos, Livia, Raul e Luiz Ernesto.



Waldenir de Bragança

No campo da Educação Musical foi uma das principais influenciadoras na formação de gerações de harpistas brasileiros. Era impregnada de alma musical e dotada de admirável poder de liderança, que soube utilizar para criar o 1º Centro de Harpa do Brasil.

Foi 1ª Harpista da Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio MEC e da Orquestra Sinfônica Brasileira, fundou e participou dos Duos: A Camerata – com a flautista Odette Ernest Dias; Flaut Harpa – com o flautista Lenir Siqueira; Grandjany – com a harpista Wanda Eichbauer. Fundou e participou do Quarteto de Harpas com as harpistas Elza Marins, Maria Célia Machado e Wanda Eichbauer, fundou e dirigiu o Trio Acácia Brazil, formado por suas alunas Tatiana e Suzana Sánchez e Cristiane Simões.

Entre 1976 e 1977 acompanhou o marido, então na presidência de Rotary International, em visitas a diversos países ao redor do mundo; pelas dezenas de

*Presidente de Honra da Academia Brasileira Rotária de Letras
Presidente 2015-2020, Secretário 2010-2015
Presidente Perpétuo da ABROL Estado do Rio de Janeiro
Rotary Club de Niterói-Norte*



idades por onde passava o presidente Ernesto Imbassahy de Mello, a talentosa Acácia se apresentava, brindando a todos com sua arte musical, projetando ainda mais a cidade de Niterói, o Estado do Rio de Janeiro e o Brasil.

Apresentou-se como camerista, recitalista e conferencista na Europa, Ásia, EUA, Brasil e América do Sul. Foi membro da American Harp Society, EUA; da Corporation of World Harp Congress, EUA; da Sociedad Ludovico, Espanha, assim como de outras sociedades internacionais de harpa. Em 1977, fundou no Brasil a Seção Rio de Janeiro, a primeira do país, da American Harp Society, da qual foi presidente por dois períodos: o primeiro, de quatro anos, e o segundo, de seis anos.

Foi professora titular do Curso de Harpa da Escola de Música da UFRJ; foi professora do CIVEBRA em 1979 e 1980 em Brasília e professora de harpa da Escola de Música da UFMG.

Participou da quinta e da sexta edições do Concurso Internacional de Harpa de Israel como membro do Júri; participou ainda diversas vezes do Congresso Mundial de Harpa, na Holanda, em



“Era impregnada de alma musical e dotada de admirável poder de liderança, que soube utilizar para criar o 1º Centro de Harpa do Brasil.”

Israel, na Dinamarca e na Áustria; tomou parte na Harp Week em 1980 e 1981, realizada na Holanda; participou como harpista convidada do 1º Concurso de Composición Rochas del Arpa, realizado no Paraguai; organizou e coordenou o 1º Concurso de Interpretação de Harpa realizado pela American Harp Society, Brasil, Seção Rio de Janeiro.

Publicou os trabalhos: *A Harpa na Orquestra*; *Origem da Música Brasileira* e *Uma Música Nascida de Vozes da Floresta*. Gravou o primeiro CD de harpa solo do Brasil. Foi eleita membro honorário da Academia Brasileira de Música em 1998. Formou o conjunto Harpistas do Rio com Cristina Braga, Sílvia Passaroto e Wanda Eichbauer.

Acácia foi uma personalidade querida e admirada internacionalmente, com larga experiência e grandiosa história de vida. Tive o privilégio de conhecer e sentir sua extrema generosidade, a forma simples e solidária de ofertar seus talentos. Estivemos juntos em diversos momentos e recebi seus gestos de bela amizade. Veio várias vezes à Universidade Aberta da Terceira Idade de Niterói / UNIVERTI, na Faculdade de Direito da UFF, trazendo sua harpa em seu carro, para abrilhantar encontros para as pessoas idosas.

Acácia Brazil de Mello faleceu no dia 28 de outubro de 2008, aos 87 anos, sendo sepultada no Cemitério de São Francisco, em Niterói, ao lado do marido.

Além da Cadeira nº 15 da ABROL Nacional e da Cadeira nº 10 da ABROL-Estado do Rio, também foi homenageada como patrona da Cadeira nº 1 da Classe de Belas Artes da Academia Fluminense de Letras.

Obrigado, Acácia, pelo seu forte exemplo.



46° INSTITUTO
ROTARY DO BRASIL
HIPÓLITO SÉRGIO FERREIRA

24-26/08/2023 | FOZ DO IGUAÇU, BRASIL



www.institutorotarybrasil.org.br

Contato para o Instituto

Coordenador: César Scherer

(45) 98801-4149

Financeiro: Edgar Behne

(46) 99975-2248

Inscrições: Junior Terra

(46) 99902 6808

contato@institutorotarybrasil.org.br

**Local: Recanto Cataratas
Thermas Resort & Convention**

Contato para Hospedagem:

+55 (45) 2102 3000

0800 707 2400

contato@recantocataratasresort.com.br



Waldenir de Bragança

nome admirável no universo sociocultural brasileiro

Alberto Araújo

Nascido em Araruama, RJ, em 17 de julho de 1931. Médico, advogado, professor, escritor, acadêmico e fundador de diversas instituições: Academia de Medicina do Estado do Rio de Janeiro, Academia Brasileira Rotária de Letras, Universidade Aberta da Terceira Idade / UNIVERTI, Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro. Associado do Rotary Club de Niterói-Norte desde 1971, seu presidente no período 1973-1974, e Governador do Distrito 4750 de Rotary International 2001-2002. Titular Fundador da Cadeira nº 7 da ABROL Nacional e da Cadeira nº 9 da ABROL-Estado do Rio, tendo em ambas como Patrono Ernesto Imbassahy de Mello (Presidente RI). Também político, tendo sido deputado estadual de 1979-1982 e prefeito de Niterói de 1983 a 1988. Portanto, um grande nome em nossa história cultural. Intenso defensor da Saúde, da Educação e da Cultura. Altruísta, com uma imensa bondade e grandes saberes, que contagiam os que com ele convivem. O Brasil seria maravilhoso se existissem mais cidadãos com conduta e valores éticos como os do Dr. Waldenir de Bragança. Um líder admirado por todos nós jornalistas, acadêmicos e os que labutam em prol da cultura em nosso país.

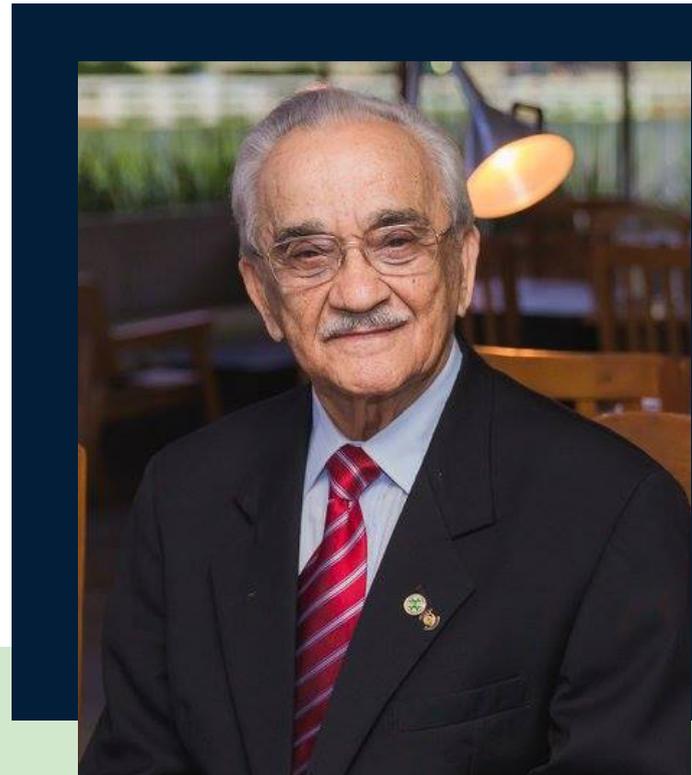
Dr. Waldenir, o sr. nasceu na cidade de Araruama, carinhosamente chamada de "A Pérola dos Lagos" por estar bem no coração da Região dos Lagos, com localização privilegiada em um dos melhores circuitos turísticos do Estado do Rio. Quando e por que deixou a sua cidade natal para morar aqui na terra de Arariboia?

Vim para Niterói com minha família, aos 12 anos, para dar continuidade aos estudos, porque em Araruama não existia ginásio. Ingressei no Colégio Brasil, onde aprendi com mestres como o inesquecível Horácio Pacheco, e fiz amizades que conservaria para a vida inteira. Lá conheci, também, minha esposa Maria Eliza.

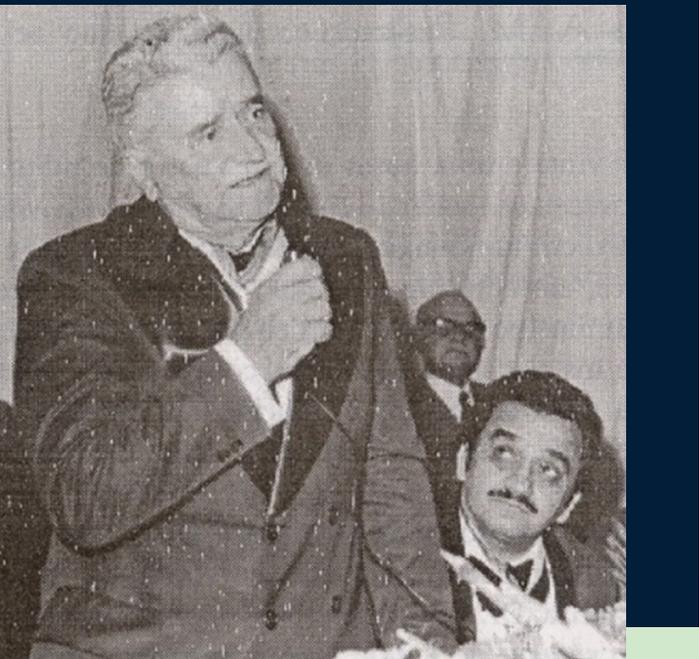
Desde muito jovem o sr. já demonstrava

inconteste liderança. Com o decorrer do tempo se revelou na presidência do Diretório Acadêmico Barros Terra, da UFF, onde viria a ser professor. Conte-nos um pouco dessa passagem.

Ingressei na Faculdade Fluminense de Medicina em 1951, e fui me envolvendo no movimento estudantil – como representante de turma, depois vice-presidente do Diretório Acadêmico e por fim presidente. Criamos o jornal *A Lanceta*, a União Nacional de Estudantes de Medicina e fizemos o 1º congresso da entidade.



Promovemos movimento pela moralização do ensino, com greve estudantil de repercussão no país inteiro, e conseguimos reverter matrículas de "apadrinhados" que não tinham passado pelo vestibular; participamos da luta pela federalização da faculdade. Posteriormente, presidi a Associação dos ex-Alunos da Faculdade de Medicina. Em 1959, prestei concurso para a Cadeira de Higiene e Medicina Social na Escola de Serviço Social. Integrei o Conselho Universitário e o Conselho



Com Dr Carlos Tortely na fundação da Academia Fluminense de Medicina, atual ACAMERJ

de Curadores da UFF. Fui Relator do 1º Estatuto da universidade; votei na eleição para o 1º reitor, Durval Batista, e apresentei a proposta para que o Hospital Municipal Antônio Pedro passasse para a universidade, como hospital-escola.

Todos sabemos que a Medicina tem uma grandeza incalculável, com papel fundamental na história da humanidade desde os seus primórdios. Sobre ser um profissional na área médica, como se sente a respeito de sua contribuição para esta história tão grandiosa?

A Medicina está vinculada à história da humanidade porque ela é a sua missão: a defesa da vida, dom de Deus. Eu não tinha projeto de ser médico. Fui influenciado por meu cunhado e querido amigo Antônio Guimarães Mary, que me chamava para ajudá-lo quando precisava atender alguma emergência. Assim encontrei meu caminho. Fiz especializações em Saúde Pública, Saúde do Idoso, Nutrição e Administração Hospitalar. Tornei-me médico sanitaria do Ministério da Saúde e clínico do INAMPS. Como professor, busquei ajudar a formar novas gerações de profissionais, sempre seguindo os postulados de defesa da Ética. Já aposentado, cursei Direito, com o propósito de usar os conhecimentos legais na importante área de Direito Médico, sobre o qual escrevi vários artigos e textos. Atendi em consultório até 2020, quando a pandemia da Covid-19 nos obrigou a suspender as atividades.

Como um profissional admirado por todos, presidente do Conselho Regional de Medicina/

RJ, sabemos que em sua gestão à frente da Associação Médica Fluminense foi conquistada a sede na Av. Roberto Silveira – conte-nos sobre como se deu esta realização.

Sempre valorizei muito as entidades associativas. Na presidência do Conselho Regional de Medicina, conseguimos dar à entidade sua sede própria. Ao assumir a presidência da AMF, consegui do governador Geremias de Mattos Fontes os terrenos para construir a nova sede da entidade, com prazo de um ano para concluir a obra – ou o terreno e suas benfeitorias retornariam para o Estado. A luta foi tremenda. Buscamos apoio de colegas de todo o Estado, promovemos diversas ações e atividades beneficentes, conseguimos empréstimo bancário dando minha casa como garantia, tendo como responsáveis solidários os colegas Newton Porto Brasil, Israel Figueiredo, Edson Gualberto e Ivani Cardoso. Fizemos esforço muito grande, trabalhando dias, noites e finais de semana para concluir dentro do prazo, mas conseguimos: em 12 de outubro de 1970 era inaugurada a Casa do Médico Fluminense.

O dia 17 de dezembro de 1961 ficou marcado como um dia triste em Niterói, com a tragédia do Gran Circus Norte-Americano, o incêndio delituoso com o saldo de 503 pessoas mortas e mais de 800 feridos. Passados 62 anos, quais são as suas recordações daquele dia?

Eu tinha ido a Araruama. Retornando a Niterói no final da tarde, encontrei o caos nas ruas. Corri para o local do circo para prestar socorro, e depois para o Hospital Psiquiátrico de Jurujuba, onde trabalhava na época, para atender os que chegavam. O cenário era desolador. Havia pacientes espalhados pelos corredores, queimados, com dores terríveis. Profissionais de saúde acorriam de todos os lados para ajudar. Permanecemos vários dias e noites no hospital tratando os feridos; vimos comoventes exemplos de solidariedade e testemunhamos momentos de grande tristeza. São lembranças muito dolorosas.

O sr. foi deputado estadual pelo Rio de Janeiro entre 1979 e 1982, e prefeito da cidade de Niterói de 1983 a 1988. É considerado um dos melhores prefeitos que já administrou o nosso município, em face dos êxitos alcançados em situação de deficiência financeira e anacronismo estrutural. Qual a sua apreciação sobre essa consideração?

Em 1975, o prefeito Ronaldo Fabrício me convidou para ser secretário de Saúde e Assistência de Niterói. Fui responsável pela

implantação da Secretaria – Niterói tinha acabado de deixar de ser capital do Estado. Tive boa gestão, priorizando a municipalização dos serviços de saúde. O governador Faria Lima nos apoiou. Integrei os Conselhos Estaduais de Saúde, de Entorpecentes e do Programa Comunidade Solidária. Acabei recebendo muito encorajamento para me candidatar a deputado estadual. Eu não tinha ambições políticas, nem era inscrito em partido... quando vi, tinham feito minha inscrição na Arena. Tempos depois, o presidente Ernesto Geisel e o governador Faria Lima propuseram que eu concorresse a prefeito de Niterói. Hesitei, achando que não tinha apoio suficiente, mas afinal segui adiante, e fui eleito. Assumi a prefeitura cheia de dívidas, sem recursos. Apesar dos obstáculos, durante minha gestão criamos o 1º Passe do Idoso e do Deficiente no Brasil (que depois seria adotado pelo país inteiro), inauguramos o edifício que passou a ser a nova sede da administração municipal – a “Prefeitura Nova”, conseguimos a doação dos terrenos para a implantação do Campus Urbano da UFF (era Reitor José Raymundo Martins Romêo), demos sede à Academia Niteroiense de Letras, apoiamos a instalação da Orquestra Sinfônica Nacional na UFF, criamos os Conselhos Municipais de Cultura, Educação e Meio Ambiente, fundamos o Albergue São Benedito, entre outras realizações.

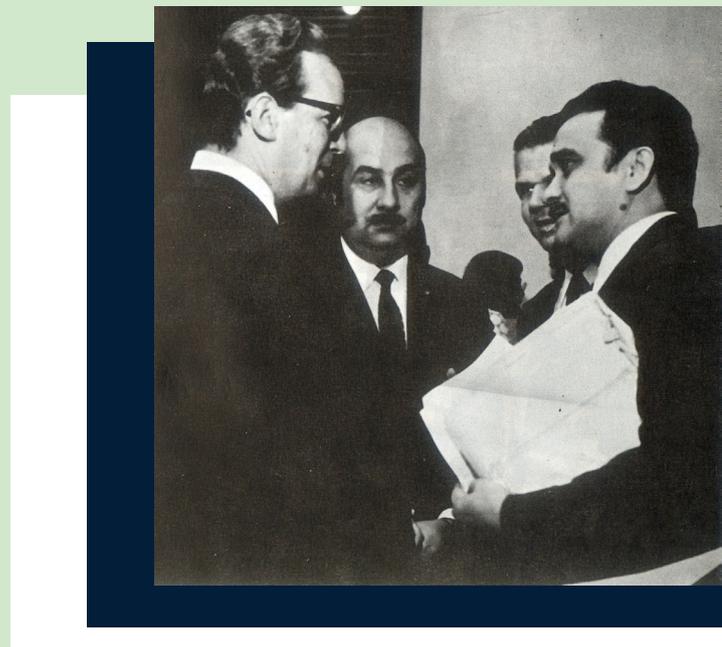
Suas atividades na Associação Brasileira de Municípios, presidindo a Seção do Estado do Rio de Janeiro e o Conselho Deliberativo Nacional, tiveram impacto significativo para nossa cidade de Niterói. O sr. pode nos contar um pouco sobre isso?

Na década de 1980, vários estados e municípios estavam à beira da falência. Eu era prefeito de Niterói e estava na presidência da ABM-RJ. Junto com Almir Luiz Antunes, meu secretário de Obras, promovemos encontros com a participação de prefeitos e outras autoridades, envolvidos na busca de soluções; uma delas seria a regulamentação da compensação financeira para estados e municípios onde houvesse exploração de petróleo e gás natural – os royalties. Fizemos em Niterói o X Congresso Brasileiro de Municípios, reunindo ministros de Estado e senadores, para preparar propostas para a Assembleia Constituinte de 1988. Conseguimos enorme mobilização, com comícios, passeatas, que tiveram cobertura pelos jornais e televisão, e o movimento se espalhou pelo Brasil. A Constituição de 1988 triplicou o percentual da distribuição de receitas tributárias

para os municípios. A Lei nº 7.990/89 regulamentou a distribuição dos royalties. Os prefeitos que nos sucederam administraram em situação financeira muito mais favorável. No 1º ano de governo do meu sucessor foram recolhidos os recursos acumulados referentes a todos os anos anteriores.

O sr. teve participação avultada em obras sociais e filantrópicas da cidade. Presidiu a Associação Fluminense de Reabilitação e fundou a Universidade Aberta da Terceira Idade, iniciativa pioneira em favor dos idosos. Como surgiu esta iniciativa?

O trabalho da Associação Fluminense de Reabilitação, hoje referência nacional, é fonte de



O ministro da Saúde Rocha Lagoa, o secretário de Saúde de Niterói Armando Sá Couto e o governador do Estado do Rio Geremias de Mattos Fontes com Waldenir de Bragança na inauguração da Casa do Médico Fluminense, 1970

orgulho para Niterói e para o Estado do Rio. Na minha presidência criamos o jantar Garçom Caixa-Alta, como forma de angariar fundos para apoiar os serviços da instituição. Estive no Conselho Deliberativo durante muitos anos, ao lado da saudosa presidente Lisaura Ruas. A Universidade Aberta da Terceira Idade foi criada em 1993, com o apoio de amigos queridos como Carlos Tortelly Costa, parceiro de todas as horas, que assumiu a vice-presidência, José Raymundo Martins Romêo, que era reitor da Universidade Federal Fluminense, José Hermínio Guasti, presidente da ACAMERJ, Cacilda Sarzedas, presidente do Clube da Terceira Idade de Niterói, entre outros. Estavam conosco os companheiros José França Conti, que governava o Distrito 4750 de Rotary, e José Carlos Rabello, que presidia o Rotary Club Niterói-Norte. Sempre



Celebração do Jubileu de Prata da UNIVERTI; ao centro, o presidente Waldenir de Bragança com as diretoras Zeneida Apolônio Seixas, Dulce Rocha de Mattos e o vice-presidente Roberto Gonçalves

com o apoio e parceria do Rotary, a UNIVERTI funcionou por quase 30 anos desenvolvendo atividades didático-pedagógicas e socioculturais para pessoas idosas. E quantas aventuras, quantas realizações de imaginação vivemos durante esse tempo! Quantas festas, visitas, viagens, paisagens, talentos revelados – em apresentações, espetáculos, publicações literárias... Quanto carinho da constelação de alunos que dividiram suas experiências de vida conosco. Infelizmente encerramos as atividades em decorrência da pandemia. Mas a UNIVERTI foi e continua sendo a realização de um sonho que se espalhou em vários lugares, inspirando outras pessoas. Foi uma das melhores coisas que fizemos, que nos fortifica na consciência da missão cumprida, do propósito alcançado. Ela continua existindo nos laços de amizade que formou, na comunidade de amigos que se mantêm eternamente ligados.

Como surgiu o seu interesse pelas instituições culturais?

Ainda adolescente participei da Associação Cultural do Colégio Brasil, onde fiz meu primeiro discurso, aos 17 anos, sobre "O Protomártir da Independência", Tiradentes. Escrevi muitos artigos e textos sobre variados temas. Aos poucos fui ingressando em algumas entidades culturais – Academias Niteroiense e Fluminense de Letras, Cenáculo Fluminense de História e Letras – e participando na criação de outras. Nas entidades por onde passei busquei estimular a comunicação e a produção literária; obtive inclusive registro profissional como jornalista. Fui redator dos boletins da AMF e do CREMERJ, dirigi a Revista da AMB, a Revista Digital da AFL, o Jornal da AMF, o Jornal da UNIVERTI. Sou um admirador das Academias, instituições que desde as suas origens, na Grécia Antiga, revelam esta preocupação de dar honras e enaltecer as obras dos nossos maiores,

que nos antecederam, integrando valores, experiências, sabedoria, cultura acumulada. Um dos propósitos que nos moviam no projeto de construção da Casa do Médico foi o ideal da criação da Academia Fluminense de Medicina. Bem disse o grande Coelho Neto: "Povo sem tradição é árvore sem raízes, que qualquer vento derruba".

O sr. foi eleito presidente para a Academia Fluminense de Letras em 2011, logo após o falecimento do presidente Dr. Edmo Rodrigues Lutterbach, correto? E durante a sua gestão, em 2017, aconteceu o aniversário dos cem anos da academia. Conte-nos a sua emoção em ser presidente na ocasião e celebrar o centenário aniversário de tão renomada instituição?

Em 2011 eu estava como vice do ilustre presidente Edmo Lutterbach, que liderava a Academia há muitos anos. Planejavamos um trabalho de reorganização após longo período de atividade restrita por conta da restauração do prédio onde se localiza sua sede. Pouco depois da reinauguração, perdemos o inesquecível Edmo; assumi então a presidência. Tive ao meu lado na diretoria grandes colaboradores, como Márcia Pessanha, Eneida Fortuna Barros, José Raymundo Romêo, José Alfredo Andrade, Alba Helena Corrêa, Neide Barros Rêgo, entre outros. Durante o ano de 2017 realizamos extensa programação comemorativa do Centenário, incluindo sessões solenes na ALERJ (que promulgou a Lei 7.588/2017, reconhecendo a AFL como Academia de Letras Oficial do Estado), nas Câmaras Municipais de Niterói e de São Gonçalo; recitais de música e poesia; sessões conjuntas com outras entidades culturais; concursos fotográfico e literário; exposição na Bienal do Livro... O ponto alto foi, sem dúvida, o I Congresso Brasileiro de Academias de Letras, que reuniu representantes

Sessão Solene da Câmara Municipal de Niterói - Homenagem pelo Centenário da AFL (vereador Paulo Bagueira e acadêmicos José Mauro Haddad, Waldenir de Bragança, Márcia Pessanha e Matilde Slaibi Conti



de Academias de Letras estaduais e municipais; estava lá o então presidente da ABL, acadêmico Domício Proença, que chegou a dizer que tínhamos conseguido fazer na AFL o que ele nunca tinha conseguido na ABL... Do encontro resultou a criação da Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro, que continua hoje a congregar e incentivar as academias do território fluminense.

O sr. foi o relator do Memorial para Oficialização do Idioma Português na ONU, levando todo o processo à sede da organização em Nova York, em 27 de maio de 2011. Qual a situação atual desta demanda? O que as autoridades têm falado a respeito?

Atendendo a um dos principais objetivos das Academias – a valorização do idioma Português – uma delegação de acadêmicos esteve na sede da ONU para protocolar junto à Missão Permanente do Brasil a entrega de Memorial com fundamentos para a oficialização do Português na organização, antiga demanda da comunidade lusófona. As esperanças de sucesso para este propósito aumentaram com a eleição do português Antônio Guterres para o cargo de diretor-geral; já sob sua liderança, a Assembleia Geral da ONU aprovou, em setembro de 2019, Resolução sobre Cooperação com a Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa com o objetivo de mais valorizar nosso idioma. Dois meses depois, a UNESCO conferiu-lhe Relevância Mundial e instituiu o Dia Mundial do Idioma Português. Os dirigentes da CPLP vêm pedindo reforços nas áreas cultural e empresarial, e no conjunto das atividades socioeconômicas dos países membros para obtenção do objetivo. É uma campanha que continuamos a defender com toda a convicção.

Gostaríamos que falasse um pouco sobre suas publicações: *Terceiridade, Marketing Social - Relevância e Resultados, A Origem do Ensino Médico no Brasil, O Brasil na OMS Através de Marcolino Candau; Aborto e o Direito à Vida* (Prêmio Genival Londres pela Academia Nacional de Medicina), entre outras.

Aborto e o Direito à Vida surgiu a partir de um manifesto elaborado com os colegas Carlos Tortelly Costa, Dernival Brandão e João Evangelista dos Santos Alves, defendendo o respeito à vida humana desde o momento da concepção. Em *Terceiridade* expandi minha monografia do Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia, analisando a situação do idoso no Brasil e apresentando a Universidade Aberta da Terceira Idade como proposta de equacionamento, visando reduzir barreiras, promover o desenvolvimento cultural e ampliar espaço social da população idosa. *Marketing Social – Relevância e Resultados* resultou de curso de Marketing na Universidade Cândido Mendes. Como coordenador da Comissão Distrital de Imagem Pública de Rotary, eu sabia que as ferramentas de Marketing seriam de grande utilidade para RI. Em *A Origem do Ensino Médico no Brasil* busquei recordar alguns aspectos da história do ensino da Medicina em nosso País, aproveitando para abordar a problemática da formação médica nos tempos atuais. O propósito de *O Brasil na OMS Através de Marcolino Candau* foi resgatar a memória deste grande vulto brasileiro, que dirigiu o órgão máximo da saúde no mundo durante 20 anos, de 1953 a 1973.

Como o Rotary entrou em sua vida? O sr. foi presidente do Rotary Club de Niterói-Norte e governador do Distrito 4750, com atuação destacada em suas obras. Como Rotariano

há mais de meio século, como vê o papel da organização no Brasil e no mundo?

Em 1971, a convite de meu bom amigo Nelson Lamy, me associei ao Rotary Club de Niterói-Norte. Foram 52 anos servindo em diversas funções na administração do clube e do distrito. Ser Rotariano é um estado de espírito. É ser elo da corrente de esperança, ter unidade de propósito, a solidariedade, a capacidade de ação conjunta. Como a mais antiga e difundida organização de voluntários na prestação de serviços humanitários do mundo, Rotary ultrapassa fronteiras, desfaz limites territoriais e amplia horizontes para a sua missão, impregnando com suas ações beneméritas a história da humanidade. É constituída por um mosaico de diferentes cores culturais, religiosas, étnicas, de costumes e idiomas. A sua grande função é poder celebrar e abraçar essa diversidade e conduzi-la para os ideais de servir à Paz mundial. A extraordinária textura dos programas educacionais e humanitários de RI asseguram que seu emblema simboliza a esperança para milhões de criaturas.

No dia 21 de novembro de 2012 realizou-se, na sede da Cooperativa Editora Brasil Rotário, no Rio de Janeiro, a sessão de Posse Solene dos Acadêmicos Fundadores da Academia Brasileira Rotária de Letras, entre eles o presidente Carlos Henrique de Carvalho Fróes e o secretário Waldenir de Bragança. Como surgiu a ABROL? Qual a sua importância no cenário cultural?

Há muito eu levantava a ideia de existir um organismo com o propósito de preservar os nomes

daqueles que se deram em Rotary. Em 2010 eu estava como vice-presidente da Cooperativa Editora Brasil Rotário e apresentei o projeto ao presidente Carlos Henrique de Carvalho Fróes, que ofereceu seu apoio para levá-lo adiante. A Assembleia de Fundação aconteceu em 23/02/2011. Em 2012 aconteceu a solenidade de posse conjunta dos fundadores, reunindo quase todos os diretores de RI brasileiros, além de várias personalidades rotárias do país. Após o falecimento do inolvidável Carlos Fróes, assumi a presidência. Foram começando a surgir as academias seccionais; fizemos tratativas e elaboramos esboços de estatutos para a criação de outras, nos estados e distritos do Brasil, assim como em outros países, como Portugal e Argentina. A partir de agosto de 2020 fui sucedido na presidência pelo ilustre acadêmico Geraldo Leite, que deu notável impulso ao movimento de expansão, com a fundação de várias novas seccionais. Sob sua liderança, a instituição continua a dar passos largos na missão de ampliar seus elevados propósitos, apoiando a formação de academias irmãs latino-americanas e em outros continentes, promovendo a criação da Confederação Mundial de Academias Rotárias – e daí para além.

Dr. Waldenir, tanto na ABROL Nacional como na ABROL-Estado do Rio o senhor tem como Patrono o ex-presidente de Rotary International Ernesto Imbassahy de Mello. Qual o significado da escolha deste nome para o sr.?

Ernesto Imbassahy de Mello foi um amigo e um exemplo, como ser humano e rotariano. Tenho a satisfação de contar com sua neta, Carla Vorsatz, como minha confreira na ABROL-Estado do Rio. Profissional respeitado e modelo de ética em todas as suas atividades, Ernesto presidiu a Fundação Rotária duas vezes e tornou-se líder mundial do Rotarismo em 1975, com o lema *Dignificar o Ser Humano*. Os idealistas não morrem, porque continuam a viver pelos ideais que animaram suas vidas, estimulando e sustentando outras pelo bem irradiado. É minha honra e satisfação dar honras e preservar a memória daquele que foi exemplo de perseverança para conquistar sonhos e ideais de servir, transformando-se em ponto de luz na estrada a ser percorrida pelos que buscam Rotary para servir à humanidade.

Campanha de Vacinação Rotary Polio Plus



Por motivo de saúde, o sr. teve que restringir sua participação no movimento cultural, abrindo mão, inclusive, de candidatar-se à reeleição para a presidência da Academia Fluminense de Letras, atualmente muito bem administrada pela professora Márcia Pessanha. O que tem a nos falar sobre esse processo de sucessão e a administração de nossa admirável e competente acadêmica?

Enquanto estive na presidência da AFL tive ao meu lado a ilustre e dedicada acadêmica Márcia Pessanha, que colaborou ativamente para



Palestra no RC Campinas-Sul, 2007

a realização de todos os projetos que promovemos, sempre comungando dos mesmos ideais e propósitos de valorização do movimento cultural fluminense. Tivemos oportunidade de conversar sobre a sua eventual candidatura à presidência da instituição, até porque eu considerava que estava chegando a hora de deixar o cargo. Assim, quando decidi não me candidatar a novo mandato, não havia ninguém melhor do que a professora Márcia Pessanha para ocupar a presidência. Hoje tenho a satisfação de vê-la dando continuidade aos trabalhos que iniciamos juntos, e indo mais além, imprimindo sua marca tanto na liderança da AFL como na Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro.

Mesmo diminuindo suas atividades, o sr. ainda continua na presidência da União Brasileira de Trovadores / Seção Niterói. Qual é a sua relação com a entidade?

Como apreciador da poesia, tornei-me adepto e defensor da Arte Poética da Trova, criação

literária “que fala mais diretamente ao coração do povo”, nas expressões de Jorge Amado. Liderada por muitos anos pelo entusiasta Milton Nunes Loureiro, a UBT-Niterói ficou inativa após seu falecimento, sendo reativada em 2015 com o apoio da AFL. A presidência ficou inicialmente com o saudoso Sávio Soares de Sousa, a quem sucedi. Como vice-presidente, a inspirada e premiadíssima Acadêmica Alba Helena Corrêa, incansável esteio e sustentáculo da entidade. Eu e Alba temos tentado encontrar outros trovadores dispostos a dar continuidade a este trabalho, mas até agora não tivemos sucesso; na medida do possível, então, vamos ficando...

Em sua longa trajetória, o sr. foi agraciado inúmeras homenagens – medalhas, comendas, condecorações... alguma que considere em especial?

Muito me emociona ser chamado de Benemérito por várias entidades pelas quais trabalhei, assim como ter merecido o reconhecimento como cidadão honorário de diversos municípios fluminenses. Tenho, também, profundo carinho pelo título de Intelectual do Ano de 2011, outorgado por iniciativa do Grupo Mônaco de Cultura, assim como pelos de Presidente de Honra da ABROL e da FALERJ e de Presidente Perpétuo da ABROL Estado do Rio, concedido por iniciativa de minha querida presidente, companheira, líder e amiga Matilde Conti. O Prêmio Genival Londres, outorgado pela Academia Nacional de Medicina ao livro Aborto e o Direito à Vida, do qual sou coautor, também muito me honra.

Parabenizando a sua trajetória na área da saúde, sociocultural e literária, gostaríamos de saber um pouco sobre o convívio amistoso e profissional com seus companheiros?

Recordo Aristóteles, que disse que “a Amizade é o que há de mais necessário para a vida”. Tenho tido a imensa sorte de poder contar com uma legião de amigos a me apoiarem no decorrer do caminho, em todas as sendas pelas quais enveredei – entre colegas de profissão, companheiros rotários, confreres e confrades acadêmicos. A amizade é uma necessidade da alma, nos faz realizar sonhos. Espero continuar cultivando as amizades que enriquecem minha vida, e me ajudam a realizar meus sonhos.

De sua união com D. Maria Eliza nasceram Fernando César, Célia Regina, Ana Lúcia, Luiz



Bodas de Diamante, 2016. Waldenir e Maria Eliza com os filhos Luiz Antônio, Célia Regina, Ana Lúcia, Silvia Helena e Fernando César.

Antônio e Silvia Helena, que lhe deram 14 netos. Com seu altruísmo, companheirismo e profissionalismo admiráveis, que legado maravilhoso tem a deixar para todos os seus familiares. Mês que vem, o sr. celebra os seus 92 anos de uma vida feliz e vigorosa. Diga com as suas palavras o que mais espera transmitir aos seus descendentes?

Agradeço as gentis palavras do amigo. Tenho recebido imensa graça e proteção de Deus, para chegar a 66 anos de casamento, cercado pelos filhos e netos. Tive ao meu lado, em todos esses anos, minha querida Maria Eliza, desvelada, solidária companheira de todas as horas, fonte de apoio, compreensão e tolerância em todos os passos de minha caminhada. Recentemente, estive no casamento de meu querido neto Henrique, desfrutando a alegria de testemunhar o início da caminhada de uma nova família que nasce. Na ocasião, manifestei meu desejo para os noivos, que é o mesmo para todos os meus familiares: que Deus os acompanhe por toda a vida, que tenham a presença de Cristo com eles todo o tempo, em cada passo, em cada momento, em cada atitude.

Quem é o cidadão, profissional e intelectual Waldenir de Bragança?

Aos que conviveram e convivem comigo, em todas as áreas, espero ter sido capaz de transmitir meu desejo de servir aos ideais que nortearam minha caminhada – a Saúde, a Educação, a Cultura... Como médico, professor, rotariano, acadêmico, acredito que venho sendo guiado pelo propósito de servir ao bem comum, na medida do possível. Nos erros ou acertos, sou grato pelas oportunidades de oferecer minha

modesta colaboração nas causas que considero importantes.

Estimado Alberto Araújo, meu confrade na Academia Niteroiense de Letras e o melhor amigo do desenvolvimento cultural de Niterói – quero aproveitar esta oportunidade para manifestar-lhe meu reconhecimento, ressaltando a relevância de sua missão como captador, promotor e divulgador dos acontecimentos culturais da cidade.

Meus parabéns à Revista Abrolense, primeira revista de uma seccional da ABROL, que cumpre importante papel na divulgação dos objetivos das Academias Rotárias e da história de Rotary, através dos vultos que a construíram; e minhas congratulações à sua diretora de redação, a múltipla líder rotária e cultural Matilde Slaibi Conti, extensivas às suas assistentes Cleide Villela Abib e Christiane Braga Victer (a segunda, minha dedicada colaboradora nos últimos 26 anos).



Alberto Araújo

Instituto Interamericano de Fomento à Educação, Cultura e Ciência.

ACADÊMICA CARLA VORSATZ

A Acadêmica Carla de Mello Vorsatz, titular da Cadeira nº 10, patronímica de Acácia Brazil de Mello, é médica, escritora, tradutora e empresária.

Nascida em Niterói, em 07/09/1960, formou-se em Medicina com especialização em Doenças Infecciosas e Parasitárias pela Universidade Federal Fluminense; tem ampla experiência em Infectologia, HIV/Aids, Pesquisa Clínica e Medicina de Urgência. Atuou em enfermarias, ambulatórios, centros de pesquisa de excelência, Serviços de Emergência de Hospitais Gerais, Unidades de Pronto Atendimento e no Programa de Atendimento à População de Rua da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Companheira Paul Harris e Presidente Eleita do Rotary Club de Niterói para o período 2025-26, Carla recorda que a instituição sempre fez parte de sua vida, uma vez que seu avô foi Ernesto Imbassahy de Mello, membro do Rotary Club de Niterói e Presidente de Rotary International 1975-76.

Poliglota, especializada em lexicografia médica, é Tradutora Médica Sênior da SmartCAT, comunidade mundial de tradutores médicos.

É sócia-fundadora e diretora-executiva da XSTZ (antiga Milarepa), empresa de produção de textos médicos.

Autora do *Dicionário de Dúvidas e Dificuldades de Tradução Médica do Inglês para o Português*; da primeira edição brasileira do *DDD – Dicionários de dúvidas e dificuldades de tradução do inglês médico*, obra derivada do *Libro Rojo – Diccionario de dudas y dificultades de traducción del inglés médico* do Dr. Fernando Navarro; de 11 artigos publicados nas principais revistas científicas médicas, dezenas de artigos médicos publicados no Medscape e mais de 5 mil artigos publicados como tradutora.

Palestrante em eventos nacionais e internacionais, integra a Sociedade Brasileira de Infectologia, a Sociedade de Infectologia do Estado do Rio de Janeiro, a Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes (Abrates), a Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (Abrapt), a *American Translators Association (ATA)*, o ELOS Internacional da Comunidade Lusíada.

Mantém a coluna *Ambulatório das Palavras* no Portal Medscape Brasil, e o boletim semanal *Dois dedos de prosa*.

Faz trabalho voluntário como intérprete médica para médicos e pacientes no atendimento de casos de covid-19 como parte da iniciativa *pro bono* Interpret-Vol e participa como mentora voluntária do programa de mentoria do Women in Localization.



ACADÊMICO RICARDO PINHO

Titular da Cadeira nº 31, patronímica de Joel Coelho dos Santos, o Acadêmico Ricardo Fonseca de Pinho é o atual Governador do Distrito 4751 de RI.

Natural de Niterói, é advogado formado pela UFF, especializado em Direito Autoral, Direito de Imagem, Direito Eletrônico e Propriedade Intelectual; pós-graduado em Propriedade Intelectual pela FGV/Rio e Docência do Ensino Superior pela AVM/UCAM.

Atua como agente da Propriedade Intelectual, perito técnico em Propriedade Industrial e árbitro cadastrado na Associação Brasileira de Propriedade Intelectual.

É autor de diversos artigos publicados em revistas e jornais, no Brasil e no exterior. Coautor de *Capítulos de Processo Civil na Propriedade Intelectual* e *A Propriedade Intelectual na Visão do Cinema*. Escreveu pareceres técnicos nos âmbitos civil e penal.

Participou em painéis, fóruns, seminários, encontros e conferências. Ministrou aulas em cursos de Mestrado em Educação, Gestão e Difusão em Biociências (CTEP e Agência de Inovação UFRJ) e em Ciência e Tecnologia Farmacêutica (UFRJ).

Membro Fundador do Instituto Brasileiro de Pesquisas e Estudos Jurídicos. Integra a Associação dos Advogados de São Paulo, a Associação Brasileira dos Agentes da Propriedade Industrial, a Associação Brasileira da Propriedade Intelectual, a Associação Interamericana da Propriedade Intelectual, a Association Internationale pour la Protection de la Propriété Intellectuelle, a International Federation of Intellectual Property Attorneys, entre outras. É membro do Conselho Editorial do *The Licensing Journal*.

Ingressou no RC de Niterói no período de 1994/95, tendo como padrinho o GD Joel Coelho dos Santos (seu Patrono na ABROL Estado do Rio); retornou ao clube em 2015, tendo servido como presidente da Comissão da Fundação Rotária e presidente da Comissão de DQA. Foi presidente do RC Niterói no período 2019-20, quando o clube recebeu os Prêmios Distritais de Projetos Humanitários (1º Lugar) e de Imagem Pública (2º Lugar); e tesoureiro no período 2021-22.

Participou como Instrutor do RYLA (2016/17/18) e palestrante do Núcleo Distrital de Informação e Instrução Rotária do Distrito 4751, 2018/19, coordenado pelo DRI Themístocles Américo Caldas Pinho. Foi Aid do Casal Presidente do Rotary International Esther & Barry Rassin, durante a sua visita comemorativa do aniversário de 90 anos do Rotary Club de Niterói.

É Governador do Distrito 4751 para o período 2023-24.





O PODER RESSIGNIFICATIVO DA PALAVRA POÉTICA

Partindo da definição de poema de **Cassiano Ricardo**. "O que é a poesia? É uma ilha cercada de palavras por todos os lados", podemos compará-la com a citação de **Sophia de Mello Breyner** em sua *Arte Poética*: "Se um poeta diz obscuro, amplo, branco, pedra, é porque estas palavras nomeiam sua visão do mundo, a sua ligação com as coisas. Não foram palavras escolhidas esteticamente pela sua beleza, foram escolhidas pela sua realidade, pela sua necessidade, pelo seu poder poético de estabelecer uma aliança."

Já o **Padre Antônio Vieira** a respeito do assunto questiona e responde: "Como hão de ser as palavras? / Como as estrelas. / As estrelas são muito distintas, / e muito claras".

Para **Murilo Mendes** a força da criação é semelhante à de um parto e assim se expressa nos versos: "A palavra nasce-me / fere-me / mata-me / coisa-me / ressuscita-me. / Toda palavra é adâmica: nomeia o homem / que nomeia a palavra".

E o que dizer da beleza e da complexidade da palavra poética? **Latino Coelho** nos diz que "De todas as artes a mais bela, / a mais expressiva, a mais difícil, / é sem dúvida a arte da palavra".

E **Cecília Meirelles** complementa "Ai, palavras, ai, palavras, / que estranha potência, a vossa! / Todo o sentido da vida / principia à vossa porta".

No livro *Flores da Escrivaninha*, **Leyla Perrone Moisés** discorre sobre o ludismo da palavra, associando-o ao verbo seduzir (do latim *seducere*) que, literalmente, significa levar para o lado ou desviar do caminho. E o leitor sente-se seduzido pela magia poética e penetra no reino encantado da leitura.



Márcia Pessanha

Sentindo-se também enfeitiçada pelo ato da escrita, Clarice Lispector, que já nasceu incumbida destaca os prazeres e as dificuldades de tal gesto, e assim se expressa: "A Língua Portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve... Eu gosto de manejá-la como gostava de estar montada num cavalo e guiá-lo pelas rédeas, às vezes, lentamente... outras a galope".

Outro grande artesão do poético, **Carlos Drummond de Andrade**, em *O lutador* adverte que "lutar com palavras é a luta mais vã / e, no

Presidente da Academia Fluminense de Letras
Presidente do Elos Clube de Niterói

entanto, lutamos mal rompe a manhã. / São muitas, eu pouco. / Algumas tão fortes / como o javali / Não me julgo louco... E também em *Procura da poesia*, quando diz: "Penetra surdamente no reino das palavras / lá estão os poemas que esperam ser escritos".

E nos embates dessa luta onde afloram também as dicotomias: razão X emoção; fantasia X realidade; sagrado/profano etc... distinguimos dentre outros alguns ícones de perfis poéticos.

O **poeta fingidor** descrito por **Fernando Pessoa** em *Autopsicografia*: "O poeta é um fingidor / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / a dor que deveras sente".

O *poeta porta-voz, defensor e guia de seu povo*, como exemplo **Castro Alves**, poeta abolicionista, autor de *O Navio negreiro*, *Vozes d'África*, em que as palavras parecem sangrentas de dor e de revolta.

O **poeta rebelde, marginal**, ex.: **Baudelaire** em *Fleurs du mal*, **José Régio** em *O cântico negro*, **Torquato Neto** em *O anjo louco* e vários outros.

O **poeta das Primaveras**, **Casimiro de Abreu**, assim denominado pelo título de sua obra *As Primaveras*, transbordante de lirismo romântico. Palavras que brotam do jovem poeta apaixonado.

E na diversidade das correntes literárias e dos movimentos estéticos de época e do próprio estilo dos poetas, as palavras "andantes", segundo **Eduardo Galeano**, vão e voltam ressignificadas no tecer poético de cada autor.

Desse modo, vale transcrever **Nelly Novaes Coelho** ao declarar que: "O sentido da poesia possui muitos pontos comuns com o misticismo. É o sentido do particular, do pessoal, do desconhecido, do misterioso, da revelação, do necessariamente acidental. Ele representa o irrepresentável, vê o invisível, sente o insensível. O sentido poético possui um estreito parentesco com o sentido profético. O religioso, o delírio em geral".

E assim a arte se faz psicofania – expressão da alma divino-humana no poeta inspirado.

No princípio era o "Verbum".

Ave Palavra!



RECOMEÇAR NA VIDA. SEGUINDO EM FRENTE EM BUSCA DA EVOLUÇÃO CONSTANTE

Ao longo da vida, aprendemos que recomeçar é uma das coisas mais difíceis de se fazer. Isso porque, muitas vezes, estamos tão presos ao passado que nos esquecemos de olhar para frente e de buscar novas oportunidades. No entanto, é preciso ter coragem para deixar o que não nos serve mais para trás e seguir em frente, em busca daquilo que realmente importa.

A verdade é que a vida é uma evolução constante, uma jornada em que cada passo dado é uma oportunidade para aprendermos algo novo, para nos tornarmos melhores versões de nós mesmos. E, embora os obstáculos possam parecer intransponíveis às vezes, é importante lembrar que a resiliência e a persistência são as chaves para o sucesso.

Por isso, se você está passando por um momento difícil agora, se está se sentindo perdido ou desmotivado, lembre-se de que recomeçar é sempre possível. Não importa o quão difícil seja, sempre há uma saída, uma luz no fim do túnel. E quando a vida lhe der uma ré, recupere sua fé, renove suas energias e siga em frente. Pois a verdadeira felicidade não está no destino final, mas sim no caminho percorrido para chegar até lá.

Por isso, cultive a verdadeira amizade, ela é um pilar importante nas nossas vidas, pois nos ajuda a superar os momentos difíceis e nos dá forças para continuar lutando pelos nossos sonhos. Os bons amigos nos oferecem conselhos valiosos e nos ajudam a ver as coisas de uma perspectiva diferente.

É importante valorizar cada momento compartilhado, demonstrando sempre o nosso carinho e gratidão pelos amigos que temos ao nosso lado. E assim, recomeçamos, sigamos em frente, em busca da evolução constante.

**Recomece quantas vezes precisar,
e siga em frente com coragem e determinação.
Pois a verdadeira felicidade não está em chegar,
mas sim na evolução e aprendizado da jornada
em ação.**



Roseni Kurányi

ABROL Estado do Rio de Janeiro
Rotary Club Petrópolis Bingen
Vice-Presidente 2020-2021
Presidente 2015-2016 e 2019-2020

A EXPANSÃO DA ABROL

Em 23 de fevereiro de 2011, Carlos Henrique de Carvalho Fróes, Waldenir de Bragança e um grupo de idealistas criaram a Academia Brasileira Rotária de Letras – ABROL.

Existiam na época duas instituições com o rótulo de academia rotária: uma em Caracas e outra em Lisboa. Não eram academias no sentido pleno, não tinham acadêmicos, nem patronos. Eram cursos de extensão, oferecidos por convênios do Rotary com instituições acadêmicas. O curso da Academia da Paz Positiva existe até hoje em Caracas.

O primeiro presidente da Abrol, Carlos Henrique de Carvalho Froes, faleceu em julho de 2015, no exercício da presidência. Foi sucedido por Waldenir de Bragança, sob cuja tutela foi criada a primeira regional da Abrol Nacional, a do Estado de Mato Grosso, seguida pela da Bahia / Distrito 4550, e pela de Sergipe. Na linha sucessória somos o terceiro presidente, depois de Waldenir, que hoje é nosso Presidente de Honra.

A partir de 2020 a Abrol experimentou vigoroso movimento de expansão. Foram criadas 25 regionais em 19 unidades federadas e 21 distritos rotários, abrangendo 84% do território nacional. Fora do movimento de expansão ficaram apenas oito estados: Amapá, Amazonas, Ceará, Goiás, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Roraima.

Foi criada uma regional em cada unidade federada, com exceção de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, que receberam 4, 3 e 3 regionais respectivamente. A exceção se justifica, pois estes estados totalizam 1.600 municípios, com mais de 83 milhões de pessoas.

Além de se estender por 84% do Brasil, a Abrol promoveu a criação de academias rotárias em todos os países da América Latina, além de nações da Europa e da África. A Abrol liderou a união das academias em uma confederação, a Confederação Mundial de Academias Rotárias – Conmar.

Em qualquer local onde estejam, as academias rotárias têm por objetivo:

- 1- Promover a Cultura
- 2- Estimular as manifestações literárias e artísticas

no ambiente rotário

3- Exercer o mecenato

4- Difundir e preservar o idioma pátrio

5- Criar a memória e a história do Rotary e dos grandes rotarianos do passado

6- Romper a barreira linguística que separa os povos

7- Estimular o voluntariado

8- Lutar pela Paz mundial e a prevenção de conflitos

A Abrol realiza palestras, conferências e seminários, publica boletins, livros e revistas, realiza cursos de idiomas, cursos temáticos e minicursos. Cinquenta e três professores, de seis países, ensinam Português do Brasil, Português de Portugal, Espanhol, Inglês, Francês, Italiano, Coreano, Árabe, Mandarim e língua brasileira de sinais. Mais de mil e oitocentos alunos do Brasil e do Exterior estão inscritos em nossos cursos de idiomas, e mais de quinhentos estão na lista de espera.

Nossos minicursos abrigam centenas de alunos. São 3 a 4 aulas em cada minicurso, 1 aula por semana, um minicurso por mês. Todos os professores da Abrol são voluntários.

Vivendo do voluntariado, as academias rotárias dentro em breve estarão em todos os continentes, vestindo o movimento rotário com a roupagem da cultura, das letras e das artes.



Geraldo Leite

*Presidente da ABROL Nacional 2022-2024
Presidente da ABROL-Bahia
Rotary Club da Bahia*

A CONSTITUIÇÃO TEMPORÃ

Não se diga que a Constituição foi ou será. Ela simplesmente é, está aqui, rege o presente, atende às necessidades atuais. Não importa que tenha sido elaborada no passado, ou que pensem que ela somente deve atuar em momento ulterior.

Se ela está declarada em documentos, em artigos ou dispositivos, como a nossa Constituição promulgada em 5 de outubro de 1988, ela exige que seja interpretada, ou seja, apreendido o seu significado neste momento de sua aplicação, não quando foi elaborada há mais de 30 anos.

Os efeitos da nova Constituição constituem questão que passa, necessariamente, pela percepção do significado da sua natureza jurídica. Entende-se como natureza jurídica o conjunto de elementos, essenciais ou circunstanciais, que caracterizam o ser dentro do mundo jurídico. A palavra natureza vem do latim *natura, naturae*, que, além de significar o princípio e causa eficiente de todas as coisas, também indica o caráter, a índole, a propensão ou a inclinação natural, bem como a substância, a essência, ou a propriedade de alguma coisa.

A fixação da natureza jurídica da Constituição é matéria que exige uma valoração do pensamento filosófico, político e

jurídico do intérprete, correspondendo ao seu conteúdo e às suas expectativas.

Antes de ser um texto articulado em disposições, a Constituição é uma decisão sobre o modo de vida da sociedade, refletindo, em maior ou menor grau, todo o conjunto social nos seus aspectos mais variados, pelo que não se pode exigir da técnica jurídica a solução para as controvérsias ideológicas.

Expressando decisões sobre o modo de vida social, a Constituição intenta transformações, alterações do status quo, é o novo que vem reconstruir, ou ao menos, remodelar o antigo. Impossível assim, a compreensão da Constituição como se ela fosse um produto dos deuses, olímpicamente desinteressada de produção dos efeitos para as pessoas a quem se dirige.

Comentando sobre a errônea ideia de que a Constituição deva ser atemporal, isto é, interpretada de forma a se abstrair o fator tempo, considerada imutável, que não possa ser adaptada às mudanças sociais e que represente um fator absoluto de segurança no mar revolto da sociedade, como alguns de nós pensamos sobre a decantada, e falsa, inalterabilidade da Constituição americana de 1787. Autores anotam que o tempo é apenas uma dimensão de um problema conformado por força e fatores, interesses de classe ou de grupo, ideias e experiências que se agitam no processo histórico.

A concepção de que o direito constitucional, e em geral, o direito público, é o protótipo de uma ordem ahistórica, inimiga da evolução, porque, no fundo, está alheia à realidade, deve ser afastada. Ela é o produto de uma compreensão errada, que, historicamente, se pode ligar a várias raízes político-filosófico-jurídicas: 1. ao racionalismo iluminista; 2. ao positivismo jurídico estatal; 3. ao conservantismo político; 4. ao dualismo Estado-sociedade.



Nagib Slaibi Filho



Pelo simples fato de ser um novo estatuto político-jurídico, de representar um fator de mudança na ordem social e política, em maior ou menor grau, a nova Constituição deve ser compreendida em três momentos diversos: a) o de sua elaboração; b) o de sua aplicação; e c) os efeitos perante os atos anteriores à sua vigência. A Constituição não é um corte na história geral de um país ou na história individual, é um elemento para a percepção do momento histórico.

A interpretação do texto constitucional não pode ser feita, simplesmente, pelo método

literal ou gramatical, procurando o texto constitucional como se fosse um sacrário que desafiasse o tempo, não se diga que a Constituição foi feita assim ou assado pelo legislador constituinte, pois a Constituição é o que pode ser percebido no momento de sua compreensão para ser aplicada.

Somente uma interpretação que leve em conta o caráter temporal pode fornecer o verdadeiro sentido da Lei Maior, o alcance de suas normas, projetado pelo legislador constituinte, e a organização social que existe em um determinado momento histórico.

A IMPORTÂNCIA DE MACHADO DE ASSIS MAIS DE UM SÉCULO DA SUA MORTE

Decorrido mais de um século de ausência física (100 anos em 2009), Machado de Assis continua a ser o escritor mais presente da Literatura Brasileira. Foi-se a matéria, mas ficou o espírito mais lúcido de toda a nossa cultura. Viva está a presença do bruxo do Cosme Velho nas escolas brasileiras e no exterior, em várias etapas de estudo. Como todos os dias, hoje ele já se levantou, fez as abluções matinais, vestiu-se com requinte, com a ajuda da amada, Carolina, munuiu-se de sua câmara *microrrealística* e saiu por ruas quietas – ele sempre odiou multidões. Apertando os olhos míopes de tanto esforçar-se para ver além do normal, foi perscrutar a alma do homem do terceiro milênio cujo caráter deteriorou-se bastante em analogia ao homem do fim do século XIX. Porém, Machado e nós temos consciência de que persistem as vaidades fúteis, as hipocrisias, as ambições desmedidas, as invejas, a ociosidade, as traições, os adultérios – imaginados ou efetivados – os impulsos contraditórios, tudo isso no mais recôndito do ser humano, na sua indecifrável intimidade, devassada apenas pelos olhos que veem além das aparências. O nosso escritor foi possuidor de tamanha densidade psicológica,

que nenhum outro até então tivera, extraindo das coisas mínimas do seu tempo conclusões máximas sobre a humanidade.

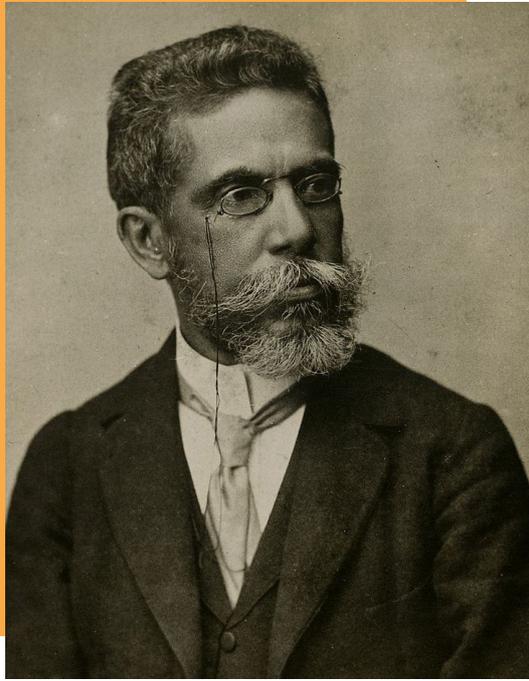
Machado de Assis continua, pois, no mesmo lugar conquistado em nossas letras por sua determinação e por sua superação. Vários motivos fizeram-no admirável. Citarei primeiro o fato de ele ter composto uma obra que denota independência em relação aos estilos pelos quais transitou: Romantismo, Realismo, Naturalismo, Impressionismo, Parnasianismo, Simbolismo além de claras nuances do Barroco com o seu jogo paradoxal. “*Carnavalizou* a Literatura Brasileira” como disse Ivan Teixeira. Rompeu com o *unívoco* e criou um *estilo experimental*, com múltiplas vozes e variadas tendências. Liberou a imaginação e incorporou à estrutura do romance a diversidade do indivíduo e da sociedade. Desse modo, Machado desfez antigas amarras e enxergou caminhos infindos, como também criou outros atalhos.

Fixou o Rio de Janeiro com fidelidade, retratando a elite, homens ricos e ociosos, mulheres fascinantes, desfilando pelos salões perfumados a mostrar o colo atraente, muitas vezes, “de alabastro”, os braços bem torneados, êxtase para o autor num princípio de delícia antecipada, encantado que era por essas partes do corpo feminino.

Depois, ele realizou a grande temeridade de *vanguardista*, já que, não alcançando a denominação da *materialidade dos signos*, usou esse recurso com a propriedade que lhe era peculiar. No capítulo 55 das *Memórias*, há o *vanguardismo concretista* com a finalidade de ocultar o óbvio com uma sutileza inenarrável. Esse poder inventivo do escritor não foi superado, mesmo no Modernismo. As reticências substituem a cursividade do êxtase



Ana Maria da
Silva Moreira



Machado de Assis, 1896.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

do encontro amoroso. Esse e outros capítulos ganham a disposição de *poesia concreta*.

Cabe aqui falar de outra inovação: o *leitor incluso*. É esse uma forma de personagem, com existência independente da presença do leitor empírico. Algo mais importante que um simples vocativo, pois tem vida própria na ficção do texto. Tem gestos, fisionomia e postura mental. Foi uma forma que Machado encontrou de dinamizar o discurso narrativo. Sua função é a de proporcionar um *contraponto dialógico* com o narrador, ou seja, assegurar-lhe um interlocutor. Assim, a narrativa fica mais flexível, perde a *univocidade* de uma mensagem apenas entre autor-leitor para admitir os imprevistos de uma conversa ao vivo. A essa estratégia se chama *digressão ou estilo zigzagante*. E a digressão machadiana comporta sempre uma reflexão sobre o discurso, o que se chama de *metalinguagem*, visto que explica ou investiga os componentes retóricos do texto. Por essas inovações supracitadas, Machado está em consonância com o nosso tempo.

Não poderia deixar de citar a elegância do estilo machadiano, envolvendo todo o texto, porém chamando a atenção para o que podemos chamar de *brevidade dialética*. E o fato de o escritor produzir o máximo de sentido com o mínimo de palavras. Há o espírito de síntese e fragmentação. Os romances nunca são longos, nem contêm sequências estendidas. Frases curtas; capítulos, curtíssimos. Trata-

se de uma estrutura metonímica que insinua o todo pela apresentação das partes. O emprego das palavras tem uma profundidade espiritualizada, levando a frase ao princípio universal da poesia. Machado chega facilmente à linguagem figurada, oblíqua e insinuante. Foi o primeiro escritor a pensar, sentir e narrar através de imagens, por vezes, compondo longas sequências alegóricas.

Outra característica do escritor que o faz um artista do momento é a *paródia*, a recriação irônica de qualquer estrutura consagrada pela tradição. É uma das marcas *fundamentais* do humor desse imortal. A exemplo, para compreensão das paródias, convenhamos que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é como paródia do romance convencional. Ainda convém registrar que as estruturas mais parodiadas por ele são os sistemas filosóficos e os estilos literários. Pode-se afirmar que toda a sua obra é uma paródia da existência. Como não há paródia sem ironia, o *humor machadiano* é uma marca registrada, único pela sua sutileza. Ora critica o ser humano e suas fraquezas; ora demonstra compaixão pelo homem.

Mais um juízo de valor da obra do escritor está na sua capacidade de traçar *intertextualidade*, num tipo de *ambivalência* intencionalmente entre um texto que se escreve e outros que o antecederam na história da cultura. Com isso, ele renova a produção textual, embora possa haver algumas dificuldades de entendimento para o leitor de pouca intimidade com as letras, visto que a intertextualidade nem sempre é paródica. É séria. Um exemplo ocorre no capítulo 26 das *Memórias* em que ele usa as palavras sagradas da criação do mundo: "No princípio, era o verbo e o verbo fez-se carne", pelo fato de Virgília ter surgido primeiro como *nome*; depois, como *personagem*.

Neste espaço não cabe a riqueza da construção machadiana, mas estas poucas palavras não poderiam deixar esquecida uma de suas verdades que tanto incomodam os leitores reflexivos: "o homem vale pela opinião dos outros homens", o que reflete uma inversão de valores, tão marcante em nossos dias, nestes tempos em que o ser humano se desconhece e, na ânsia de valorizar-se, troca a *essência* pela *aparência*.

CONTRIBUIÇÕES E IMPACTOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA SAÚDE MENTAL

A mente e as emoções sempre geram muitas dúvidas por descortinarem um universo muito sensível e particular do ser humano. Em contrapartida, a velocidade no avanço da nova era da Inteligência Artificial apresenta a necessidade de uma reflexão sobre essa relação complexa entre humanos e inteligências artificiais, e destaca a importância de considerar cuidadosamente os benefícios e riscos potenciais da tecnologia em nossas vidas.

A tecnologia está em todos os lados e assume lacunas de maneira avassaladora e, por que não dizer, assustadoramente. O contato físico, os encontros, as interações humanas e as relações interpessoais possuem uma nova configuração. O que faz sentido agora é se destacar nas redes, se tornar um ser instagramável e admirável dentro da realidade virtual. Os jogos virtuais invadiram os lares e roubaram a comunicação, o olhar atento para os detalhes, as carícias entre pais e filhos, a socialização com os amigos. As revistas físicas se tornaram obsoletas e as digitais ocuparam o espaço. O WhatsApp é nosso fiel escudeiro.

As compras em lojas ganharam ares virtuais cada vez mais avançados. Tudo resolvido na palma da mão, sem olho no olho, em questão de segundos. Um futuro tecnológico que já é realidade, e que agora avança mais com as novidades da inteligência virtual.

Ganhamos muitos benefícios na velocidade da luz. Principalmente, na medicina com a inserção de robôs e novas tecnologias de ponta para auxiliar a cura e a qualidade de vida do ser humano. Em contrapartida, perdemos na convivência, na decadência do diálogo, dos afetos, da empatia e do amor. Abrimos espaço para doenças psíquicas e físicas, consequência do uso excessivo dessa realidade virtual, como: doenças posturais e ergonômicas; Gaming Disorder (transtorno de games); Nomofobia (vício por conexão); entre outros. Além disso, podemos destacar o agravamento de transtornos mentais, como: a elevação de casos de depressão, do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH); do Transtorno Generalizado de Ansiedade (TGA); da bipolaridade.

Porém, o objetivo aqui não é ser negacionista em relação aos benefícios e contribuições da evolução tecnológica. Pelo contrário, tudo o que pode favorecer e facilitar a vida dos indivíduos, sem dúvida, é super válido. Só não podemos nos tornar deficientes de amor, criatividade, imaginação, essência, empatia, carinho, paciência, tempo, sensibilidade. A escrita feita através do ChatGPT, por exemplo, tem seus benefícios. Mas onde entra a originalidade criativa do ser humano? Notícias recentes dão conta de um triste episódio de um rapaz que se matou após receber recomendações de um sistema de Inteligência Artificial, como forma de proteger o planeta.

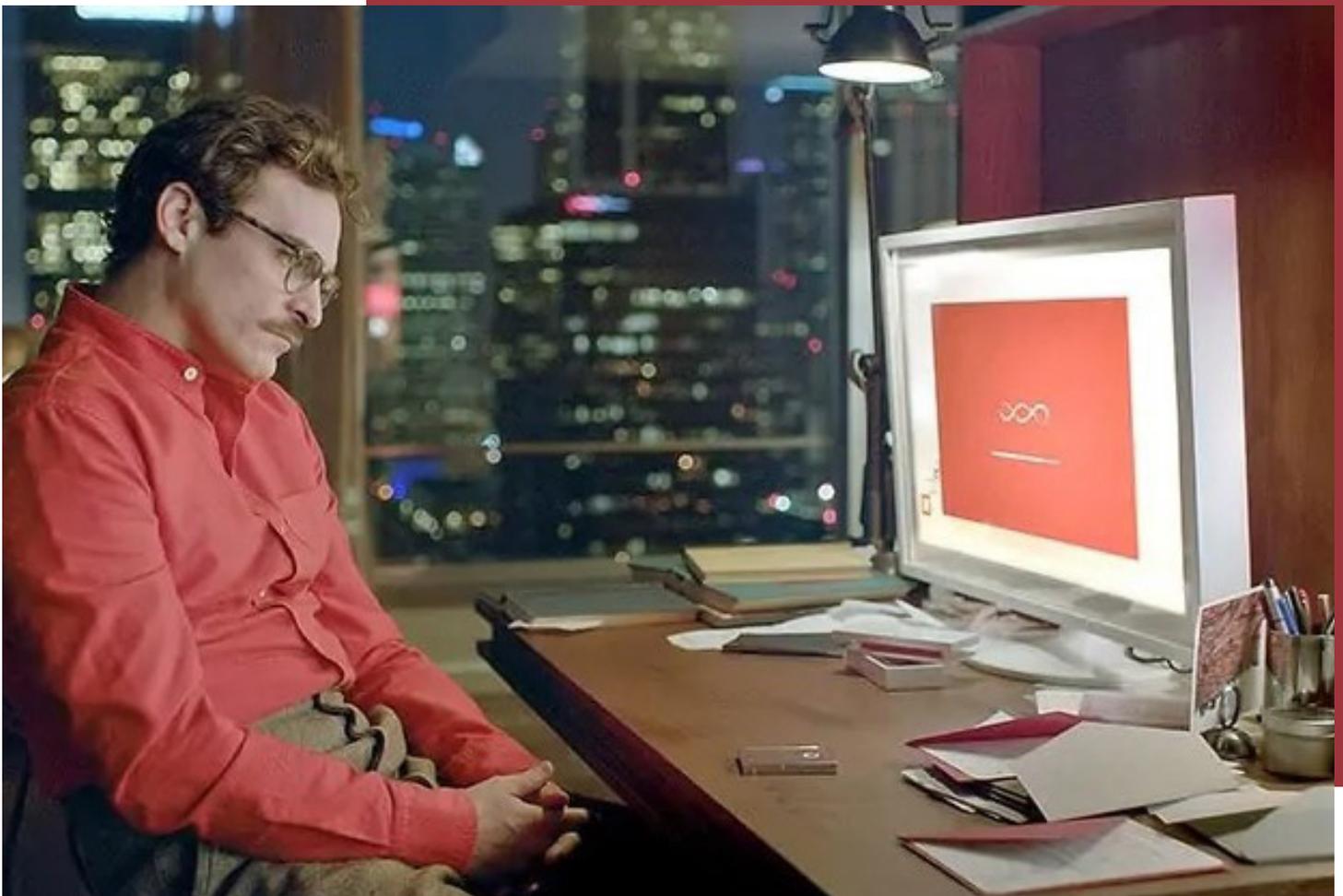


Andréa Ladislau

Será que estamos preparados para utilizar de forma consciente esses novos recursos oriundos da Inteligência Artificial? Uma coisa é certa, somos a maior ameaça para nós mesmos se não estivermos preparados emocionalmente para essa nova revolução tecnológica. O ser humano, por natureza, tem necessidade de controle e pertencimento e as novas ferramentas fazem exatamente isso: controlam tudo, dominam tudo. Será que temos maturidade e autoconhecimento suficientes para utilizar os benefícios a nosso favor, nos protegendo, evoluindo sem exageros e nos reinventando, blindando nossa saúde mental?

Enfim, a nova era da Inteligência Artificial é super bem-vinda, mas traz consequências profundas e imprevisíveis. Não podemos negligenciar a essência humana, destruir o equilíbrio físico e emocional, empobrecer os processos cognitivos, através de uma cortina de ilusões que mascara a realidade. Um grande desafio a ser enfrentado nessa interação humano e máquinas, visto que nosso

*Cena do filme Ela (HER), 2013.
Fonte: Warner Bros. Pictures*



**“(...) se
tornar um ser
instagramável
e admirável
dentro da
realidade
virtual.”**

comportamento é moldado pelo ambiente em que vivemos e corremos risco de nos tornar “dependentes emocionalmente” das máquinas, o que caracterizaria um problema ainda maior para a saúde mental.

MARIE CURIE – NOTÁVEL PERSONALIDADE

Sinônimo de brilhantismo e dedicação à Ciência, o nome de Marie Curie, descobridora dos elementos químicos polônio e rádio e pesquisadora da radioatividade, representa hoje muito mais do que apenas um vulto notável da história científica mundial. Por sua determinação, coragem e abnegação, o nome de Madame Curie é evocado em iniciativas educacionais, beneméritas e humanitárias, que frequentemente contam com o apoio de Rotary International.

Um clube rotário polonês adotou a denominação “Rotary Club de Lublin-Centrum-Maria Curie-Sklodowska”, dedicando-se a várias iniciativas beneficentes em honra de sua memória, que busco honrar neste artigo.

Marya Skłodowska nasceu em 7 de novembro de 1867, na cidade de Varsóvia, em uma época em que a Polônia era oprimida pelos invasores russos. Caçula dos cinco filhos dos professores Bronisława e Władysław Skłodowski, Marya cresceu em uma família amorosa, mas pobre, e muito nova enfrentou as duras perdas da irmã mais velha, de tifo,

e da mãe, que sucumbiu à tuberculose após longo sofrimento.

A despeito das dificuldades, as crianças desde cedo demonstraram destacada inteligência – em especial Marya, como era chamada, muito ligada ao pai, que lecionava Física no ensino secundário.

Impossibilitada de aprofundar os estudos na Varsóvia oprimida, onde era limitado o ensino científico e proibido o ensino superior para as mulheres, aos 18 anos Marya passa a trabalhar como governanta, de forma a ajudar a custear os estudos de Medicina de sua irmã Bronya em Paris; as irmãs tinham combinado que, mais tarde, Bronya retribuiria a ajuda. Em meio ao trabalho, a jovem se esforça para tentar avançar os estudos por sua própria conta; posteriormente, consegue avançar um pouco seu treinamento frequentando uma universidade clandestina.

Finalmente, em 1891, é a vez de Marya seguir para a França. Na Universidade Sorbonne, em Paris, ela estuda Física, Química e Matemática, passando a ser conhecida como Marie. Leva vida espartana, dando aulas particulares para ajudar na sua manutenção, de resto concentrando-se exclusivamente nos estudos. Através deste esforço, gradua-se em Física em 1893, alcançando primeiro lugar no exame final. Um ano depois, gradua-se em Química, em segundo lugar.

Marie dá início à sua carreira. Em decorrência do destaque alcançado nos estudos, é comissionada pela Sociedade para o Encorajamento da Indústria Nacional para realizar pesquisa investigando as propriedades magnéticas do aço. Em busca de um melhor espaço de trabalho, é apresentada ao cientista Pierre Curie, que se dedicava ao estudo das



Célio Erthal Rocha



Marie Curie, 1920.
Foto: Henri Manuel

propriedades dos cristais nos laboratórios da Escola de Física e Química.

É um encontro de mentes, gênios e almas. A dedicação à Ciência aproxima os dois estudiosos.

No decorrer dos meses a amizade entre os dois se fortalece; no entanto, o primeiro pedido de Pierre é recusado – a patriota polonesa retorna à terra natal, onde sonha trabalhar. Pierre se propõe a segui-la, mas não seria necessário: com a recusa da Universidade de Cracóvia em recebê-la (mulheres não eram aceitas), Marie aceita o conselho de Pierre de retornar a Paris para obter seu doutorado, e acaba decidindo pelo casamento e a continuação de seu trabalho na França.

Influenciada pela descoberta de Henri Becquerel sobre as propriedades do urânio, Marie passa a dedicar-se à pesquisa sobre substâncias radioativas. Fascinado com o trabalho da esposa, Pierre eventualmente abandonaria sua própria pesquisa para juntar-se a ela. As condições de trabalho dos grandes cientistas eram extremamente deficitárias; ao invés de um laboratório à altura de seu talento, realizam suas experiências em um depósito na Escola de Física – praticamente um barracão. Mas as dificuldades não os desencorajam. Em

1898, o casal anuncia a existência do polônio; logo em seguida, Marie e Pierre descobrem o rádio. A descoberta não só daria origem a uma nova era na Ciência como dotaria a humanidade de uma das formas de combater um de seus maiores flagelos – o câncer.

Releva notar o espírito altruísta do casal Curie. Diante da decisão sobre se deveriam patentear o processo de isolamento do rádio, usufruindo seus dividendos, a despeito da vida simples e das dificuldades financeiras que enfrentavam, ambos concluíram que tal comportamento seria contrário ao espírito científico; consideraram, ainda, as aplicações médicas da descoberta: “O rádio terá utilidade no tratamento de doenças... não podemos nos aproveitar disso”.

Em 1900 Marie é convidada a ensinar Física na Escola Normal de Sevres. Como professora, forma profundas conexões com seus alunos, e torna-se uma das pioneiras a lutar contra a discriminação de gênero, organizando uma reforma com a finalidade de alterar as regras que obrigavam as alunas mulheres a passar por um número maior de exames do que os alunos homens.

Marie e Pierre Curie receberam o prêmio Nobel de Física em 1903, juntamente com Henry Becquerel, pela descoberta do fenômeno da radiação. Ironicamente, só depois do Nobel e da Medalha Davy (1903) a França reconheceu o valor do casal, quando a Universidade de Paris concedeu uma cadeira de Física a Pierre.

Em 1906, Marie suporta duro golpe com a morte do marido, vítima de atropelamento. É a perda do companheiro de todas as horas, na vida como na elevada vocação científica, pai de suas filhas Irene e Eve, com quem partilhara todos os seus planos, projetos e realizações. Ela vive as semanas seguintes entorpecida, como uma sonâmbula. Mas o trabalho aguarda, e ela é forçada a recordar as palavras do próprio Pierre anos antes, ao discutir o possível desaparecimento de um dos dois: “O que quer que aconteça, mesmo se precisarmos seguir em frente como um corpo sem alma, devemos continuar o trabalho”.

Diante do desaparecimento de Pierre, a Sorbonne finalmente vence as barreiras



da tradição e preconceito, convidando Maria a assumir a cadeira vaga pela morte de seu marido. Em sua primeira aula, sob uma chuva de aplausos, diante de auditório lotado de curiosos à espera de seu discurso inicial, começa: “Quando se considera o progresso alcançado na Física nos últimos anos...” A audiência silencia emocionada: Marie simplesmente continuara do ponto onde Pierre havia parado – e sem menção ao fato de que o progresso referido tinha sido alcançado por ela.

E o trabalho prossegue. Marie dá continuidade às pesquisas, e conquista, em 1911, seu segundo Nobel, desta vez de Química, mais uma vez demonstrando seu pioneirismo: foi ela a 1ª mulher a se formar em Física, a 1ª a obter doutorado na França e a 1ª a ocupar uma cadeira na Sorbonne; a 1ª mulher a ganhar o Prêmio Nobel, a 1ª cientista a ganhar dois Prêmios Nobel e a única laureada em duas áreas científicas distintas – Física e Química.

O legado da família Curie teria continuidade na geração seguinte. Os Curie são até hoje a família que mais recebeu prêmios Nobel, com 4 prêmios concedidos a 5 indivíduos: Marie e Pierre receberam o prêmio de Física em 1903; Marie recebeu o prêmio de

*Pierre e Marie Curie, 1903.
Foto: Smithsonian Institution*



**É um encontro
de mentes,
gênios e almas.
A dedicação
à Ciência
aproxima os
dois estudiosos**

Química em 1911; sua filha Irene Joliot-Curie (que seguiu a mãe na carreira científica) recebeu o prêmio de Química em 1935 juntamente com seu marido Frederic Joliot-Curie; e Henry Labouisse, marido da sua segunda filha Eve era diretor da UNICEF em 1965, quando aceitou o Prêmio Nobel da Paz em nome daquela instituição.

Durante a I Guerra Mundial Marie voltou a dar prova de sua coragem e patriotismo, ao desenvolver unidades de radiografia móveis – que ficaram conhecidas como “pequenas Curies” – para atender os soldados. Ela mesma percorria unidades médicas no front, ajudando a radiografar feridos. Ela dirigiria o Serviço Radiológico da Cruz Vermelha e instalaria o primeiro centro radiológico militar francês.

Marie Curie liderou os primeiros estudos sobre tratamento de neoplasmas pelos isótopos de radiação. Fundou o Instituto do Rádio de Paris, em 1920 (hoje Instituto Curie), e o Instituto do Rádio de Varsóvia, em 1932 (hoje Instituto Nacional de Pesquisa Oncológica Maria Sklodowska-Curie), este com a ajuda da irmã, Dra. Bronya Dluska, sua primeira diretora. Ambos permanecem como importantes centros de pesquisa científica e médica até hoje.

Para nosso orgulho, a grande cientista passou 45 dias no Brasil, em 1926, proferindo palestras e conferências científicas. No Rio, além de visitar pontos turísticos, foi homenageada como membro honorário pela Academia Nacional de Medicina; em Belo Horizonte, fez questão de conhecer o Instituto

do Rádio, primeiro hospital dedicado ao câncer nas Américas; em São Paulo, esteve no Instituto Butantan, do qual louvou a organização e finalidades. Visitou, ainda, as fontes radioativas de Águas de Lindoia.

Marie faleceu em 4 de julho de 1934, de anemia aplástica, consequência da longa exposição à radiação durante seus anos de pesquisa com os novos elementos e o trabalho radiológico durante a guerra. Recordando as palavras de Albert Einstein – “Madame Curie é, de todas as celebridades, a única que a glória não corrompeu” – a jornalista Eve Curie, sua filha e biógrafa, assim resume a existência da grande cientista (“*Madame Curie*”, 1938):

Ela era uma mulher; ela pertencia a uma nação oprimida; ela era pobre; ela era bela. Uma vocação poderosa a convocou de sua pátria, a Polônia, para estudar em Paris, onde viveu por anos na pobreza e solidão. Lá, ela conheceu um homem cujo gênio era semelhante ao dela. Ela se casou com ele; a felicidade deles foi única. Através de desesperado e árido esforço, eles descobriram um elemento mágico, o rádio. Esta descoberta não só deu origem a uma nova ciência e uma nova filosofia: deu à humanidade os meios de tratar uma doença terrível.

Instituto do Radium: pavilhão Mme. Curie. Fundado em 1920, Paris.
Foto: Agence Meurisse



No momento em que a fama dos dois cientistas e benfeitores se espalhava pelo mundo, a dor tomou conta de Marie: seu marido, seu maravilhoso companheiro, foi tirado dela pela morte em um instante. Mas, apesar da angústia e da doença física, ela continuou sozinha o trabalho que havia começado com ele e desenvolveu brilhantemente a ciência que criaram juntos.

O resto de sua vida se resolve em uma espécie de doação perpétua. Aos feridos de guerra deu a sua devoção e a sua saúde. Mais tarde, ela deu seus conselhos, sua sabedoria e todas as horas de seu tempo para seus alunos, futuros cientistas que vinham a ela de todas as partes do mundo.

Marie foi sepultada no Cemitério de Sceaux, ao lado de Pierre, conforme seu desejo, sem discursos e sem personagens oficiais. Seus irmãos depositaram no túmulo um punhado de terra de sua amada Polônia, e na lápide constou simplesmente Marie Curie-Sklodowska – 1886-1934.

No ano seguinte era lançada sua obra maior: *Radioatividade*.

Sessenta anos depois, em 1995, os restos mortais do casal Curie foram trasladados para o Pantheon de Paris, onde repousam os grandes vultos da história da França.



O COMPANHEIRISMO

“O Companheirismo é a pedra fundamental sobre a qual o Rotary foi criado, e a tolerância é o elemento que o mantém unido” disse uma vez Paul Harris, fundador de nossa Organização. Estamos vivendo uma nova era. Uma era onde a tolerância e o companheirismo se fazem cada dia mais necessários. Uma era onde ficar em casa ao invés de sair para trabalhar pode ser sinônimo de manutenção da vida. Uma era onde precisamos olhar mais que nunca para aquelas pessoas menos favorecidas, não só de recursos financeiros, mas também de afeto. Rotary é mais do que nunca a ferramenta ideal para que cheguemos em todos os lugares onde possamos fazer a diferença.

O Rotary abre uma infinidade de oportunidades e devemos nos aproveitar delas para promovermos transformações em nossas comunidades e em nós mesmos. Nós podemos, nós devemos aproveitar destas oportunidades para nos tornarmos protagonistas na construção de um mundo melhor. Ninguém faz nada sozinho e a grande magia de nossa organização é nos oferecer uma imensa rede



Daniella Vita
Carbutti Gomes

*Acadêmica da ABROL Estado do Rio de Janeiro
Rotary Club de Petrópolis Cidade Imperial*

onde pequenas ações podem se transformar em fantásticos projetos.

Ser rotariano é mais do que ser um profissional ético com ideias de servir, é além disso ser amigo, solidário, parceiro. É fazer da prova quádrupla sua bússola na condução de uma vida íntegra. Ser rotariano é retribuir à comunidade o privilégio de viver em um mundo quase sem pólio. Ser rotariano é além de tudo ser empático e trabalhar para que todos tenham as mesmas condições dignas que nós temos.

O ROTARY IDEAL

“Nada existe de permanente a não ser a mudança”

(Heráclito de Éfeso)

Tem-se que um ideal (do termo latino *ideale*) é um princípio, valor ou bem material que serve como uma meta para algum indivíduo ou agrupamento social. Neste sentido e acepção, um Clube de Rotary ideal é aquele que visualizamos como o mais próximo da perfeição e exemplar.

O próprio Lema Rotário 2023-2024 traz consigo a materialização deste objetivo ao incentivar-nos a criar esperança no mundo.

Um Rotary tido como ideal deve ser portador de associados que pratiquem a camaradagem, o companheirismo e a verdadeira amizade, demonstrando apreço, cordialidade e confiança entre seus pares; além de ser um fórum permanente de debates de questões afetas e de interesse da comunidade.

O clube deve ter suas reuniões planejadas, com programas atraentes, temas modernos, expositores preparados e com domínio dos temas, atuais e agradáveis; para que despertem nos seus membros a vontade e o interesse da participação regular.

Não podemos perder de vista que o objetivo do Rotary é estimular o ideal de servir como base de todo empreendimento digno; além de adotarmos as regras da Prova Quádrupla como guia nos relacionamentos pessoais e profissionais, e mantermos as atividades cotidianas com base nas Avenidas de Serviços.

Como na lição bíblica de voltarmos ao primeiro amor; devemos recordar sempre que os melhores motivos para termos nos tornado rotarianos são a oportunidade de ajudar nossos semelhantes e o bem-estar que resulta

de nossas ações, comprovando que mais se beneficia, aquele que melhor serve.

O Rotary reconhece o valor da diversidade no quadro social e devemos sempre incentivar a busca no seio da comunidade de sócios potenciais de diferentes grupos étnicos, religiosos, políticos e profissionais; de forma a refletir a constituição demográfica e profissional do núcleo populacional.

O clube ideal deve valorizar as parcerias institucionais, praticar e incentivar o intercâmbio como agente promotor da interação e integração; atuar efetivamente nas campanhas sociais, em especial, na de vacinação; estimular a qualificação e aperfeiçoamento de seus quadros. Outra meta a ser buscada prioritariamente é a promoção da imagem pública do Rotary.

James Lacy, Presidente do RI no ano rotário 1998-1999, recorda-nos que “é impossível falar do futuro sem falar das crianças, pois elas são o futuro. Todas as grandes ações e excepcionais serviços



Gilmar Cardoso

ABROL-Paraná
Academia Mourãoense de Letras
Rotary Club de Curitiba



prestados pelos rotarianos no decorrer do século XX beneficiaram, no final das contas, as crianças de nossas comunidades e do mundo. E todos os nossos sonhos rotários para o futuro precisam incluir os sonhos das crianças”. O lema sempre atual daquela gestão foi – Torne real seu sonho de Rotary.

Charles Chaplin, num momento de rara inspiração, escreveu: “Não faça do amanhã o sinônimo de nunca, nem o ontem te seja o mesmo que nunca mais. Teus passos ficaram. Olhes para trás... mas vá em frente, pois há muitos que precisam que chegues para poderem seguir-te”.

*Convenção Internacional do
Rotary, Melbourne 2023.
Fonte: Rotary.org*

Apoiar uma instituição social comunitária com ênfase, contribuir com frequência para com a Fundação Rotária e seus projetos, valorizar promoções e agendas que motivem a participação das famílias dos seus membros, além de zelar pela observância do prazo regulamentar das reuniões; são tópicos que contribuem e ajudam a construir e manter um Rotary Club ideal como meta e objetivo a ser perseguido.

Por fim, façamos valer o real sentido da expressão companheiro (*companis*), que simboliza aqueles que, sentados sob a mesma mesa, compartilham/repartem do mesmo pão.

IMAGINE O ROTARY ideal!



PESSOAS FAZEM HISTÓRIAS... PESSOAS TÊM HISTÓRIAS

Sempre tive um interesse muito grande por histórias de vida. Vida de pessoas comuns, pessoas que de alguma forma se destacaram, inventaram, descobriram, criaram.

Muitas vezes em visita a museus, centros históricos ou mesmo ao me deparar com um objeto antigo me peguei pensando sobre a quem aquilo serviu. Quem eram as pessoas, qual era a época. O que faziam, pensavam, desejavam, sonhavam.

Esse interesse pelo conhecimento que vem de vidas me move pelo fato de que o que temos e sabemos hoje em termos de sociedade, cultura, arte, ciência e tecnologia nem sempre foi assim. Pessoas pensaram, investiram seu tempo, inventaram ou aprimoraram para o bem ou para o mal. Pessoas pensaram... Seja qual for a máquina, a arquitetura do prédio... alguém idealizou, pensou. Tudo começa pelo pensamento de alguém.

Esse pensamento toma conta de mim sempre, desde a minha mais tenra idade. Quantas vezes parei diante de uma obra literária, um projeto arquitetônico, uma obra de arte, e fiquei ali divagando, imersa em meus próprios pensamentos e questionamentos sobre a existência daquele bem ou daquela obra, mas sempre numa perspectiva de refletir sobre o ser, as mentes que pensaram, planejaram, as mãos que escreveram, construíram, as vidas...

Seja numa viagem de trem, ônibus ou avião, basta ter um tempinho para observar e ali mesmo sou acometida por pensamentos investigativos, reflexivos, sobre as pessoas que me rodeiam. Gosto muito de ouvir histórias de pessoas idosas e não importa quantas vezes elas sejam contadas.

Pessoas não são simplesmente números, estatísticas, idade cronológica. Pessoas são

pessoas, independente da fase de vida em que se encontram e constroem histórias.

Talvez todo ser humano devesse ter a história de sua vida, suas experiências, relatadas, divulgadas, guardadas para a posteridade, pois somos todos arcaibouços de conhecimentos de vida.

Cada ser possui um HD humano de conhecimentos, acumulados ao longo de sua existência, e, quando digo isso, não me refiro necessariamente a conhecimentos acadêmicos. Estou falando principalmente de conhecimento empírico, de vida, da soma ou resultados oriundos das experiências adquiridas dos diversos momentos e fases da vida. Conhecimentos que são construídos a partir de simples contatos no dia a dia, contatos mais aprofundados, relacionamentos, escolhas.

Todo ser humano tem necessidade de falar e de ser ouvido. Com relação às pessoas idosas, estas devem continuar sendo vistas como seres sociais, potenciais transmissores



Rosi Marina Rezende

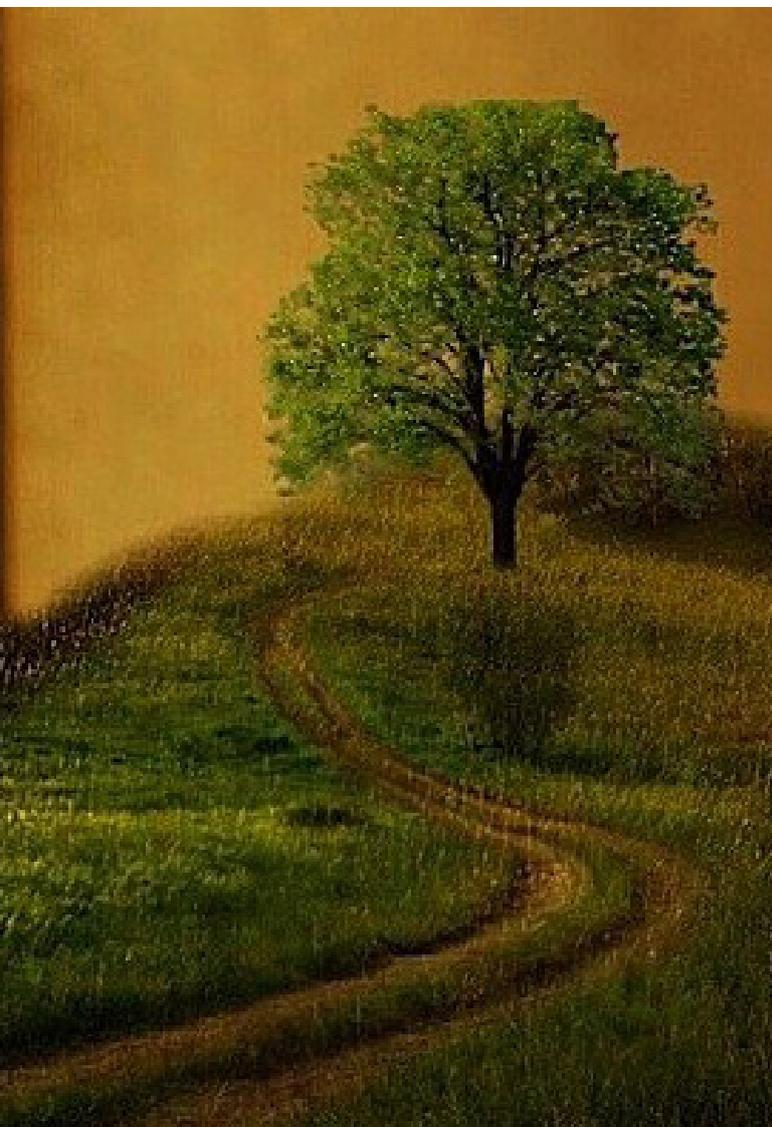
*Rotary Club de Paracambi
ABROL do Rio de Janeiro - Vale do Café*



de memórias, histórias e conhecimentos. Quanto perdemos quando não ouvimos suas experiências e histórias? Por meio de suas reminiscências “podemos ter acesso a um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos e que nos é revelado através de suas lembranças narradas no presente” (Bosi, Ecléa. *Memória e Sociedade*, 2012).

A partir de suas memórias as pessoas idosas dão testemunho de sua subjetividade, sua individualidade, suas construções e contribuições para a sociedade. Oportunizar aos idosos revelar suas recordações e histórias de vida, assim como, revelar a forma de ver o mundo a partir de suas vivências é uma maneira de valorizar suas memórias, aprender com eles ou elas e dizer-lhes do seu valor como ser singular e sua importância enquanto ser histórico-social.

(Memórias dos meus pais, 2023)



SE VOCÊ JURAR – ISMAEL SILVA

O historiador Sílvio Romero, em *Cantos Populares do Brasil* (1883), diz: “As tradições populares não se demarcam pelo calendário das folhinhas; a história não sabe do seu dia natalício, sabe apenas das épocas de seu desenvolvimento.” E continua:

O que se pode assegurar é que, no primeiro século de colonização, portugueses, índios e negros acharam-se em frente uns aos outros em luta, tendo como lenitivo as saudades da terra natal. O português lutava, vencida e escravizava; o índio defendia-se, era vencido, fugia e ficava cativo; o africano trabalhava, trabalhava... Todos deviam cantar, porque todos tinham saudades; o português de sua terra, do além-mar, o índio da selva, que ia perdendo, e o negro de sua casa, que nunca mais haveria de ver. Cada um devia cantar as canções de seu país. De todas elas amalgamadas e fundidas em um só molde, é que se formaram cantos populares.

Começaram, então, a surgir variações tipicamente brasileiras, de maior sucesso na Corte Portuguesa, como a moda (espécie de canção lírica e sentimental), o lundu (dança de origem angolana trazida pelos escravos) e o maxixe (uma mistura dos demais ritmos estrangeiros). Este surge no Rio de Janeiro, mais precisamente na Cidade Nova, por volta de 1880, como uma variante para se dançar. Considerada indecente, era proibida nos salões da alta sociedade. Na década de 1870, surge o gênero musical genuinamente nacional: o Choro. Um dos mais importantes personagens do choro, o mestre Pixinguinha, em entrevista concedida a Muniz Sodré (*Samba, O Dono do Corpo*, 1979), explicou que, naquele tempo, o choro tinha mais prestígio. Se havia, a reunião era na sala de visitas, e o samba, no quintal. O samba era mais cantado nos terreiros, pelas pessoas humildes.

O termo *samba* tem origem na expressão

semba, do quimbundo africano, e não surgiu como música, mas como dança popular, o ritmo nasceu como gênero carnavalesco, do aproveitamento de ritmos baianos por compositores cariocas (principalmente Sinhô), passando, em pouco tempo, ao domínio dos primeiros profissionais da classe média, que monopolizaram o rádio e o meio fonográfico da época. Ao despontar a década de 1930, um samba ganha uma série de variações.

Dentre os bambas das rodas de samba que tanto fizeram pela música carioca, o nome do Ismael Silva aparece ao lado de Noel Rosa, Nilton Bastos, Francisco Alves, Brancura, Baiaco e outros.

Ismael Silva chegou a exercer atividades profissionais temporárias, distantes da batucada. Trabalhou na Central e foi auxiliar de um escritório de advocacia. Serviços temporários.

Aliás, a preferência pela vida boêmia está declarada no samba *O Que Será de Mim*: “Se eu precisar algum dia / de ir ao batente / Não sei o que será”.

“Pois vivo na boemia / E vida melhor não há”, composto em parceria com Nilton



Jadir Zanardi

Academia Maçônica de Artes, Ciências e Letras
do Estado do Rio de Janeiro - AMACLERJ



Milton de Oliveira Ismael Silva

Fonte: Cultura Niterói

Bastos e Francisco Alves, foi gravado pela dupla Francisco Alves e Mário Reis em 1931.

Com o ginásial concluído, deixa os bancos escolares e dedica-se ao estudo de samba e batucadas, cria uma escola de samba para os amigos.

Para se livrar de um aperto financeiro vendeu o samba *Me Faz Carinhos* por vinte mil-réis, gravado na Odeon por Francisco Alves em 1928.

Tantos foram os comentários sobre a venda desse samba que o capricho do TEMPO fez justiça e devolveu a autoria ao verdadeiro criador.

Numa das tardes no Café Nice, Ismael encontra com Noel Rosa e Francisco Alves e começa a cantarolar uma quadra: "Estou vivendo com você / Num martírio sem igual/ Vou largar você de mão, com razão / Para me livrar do mal". Nisso, um rapaz magrinho pede que o Ismael cante de novo. Surpreso, Ismael indaga, quem é? O Francisco Alves faz a apresentação: Noel Rosa! O Ismael repetiu a quadra e o Noel num pedaço de papel completou o samba: "Supliquei humildemente para você endireitar / Mas agora infelizmente nosso amor tem que acabar". E para o Ismael foi o maior sucesso da dupla. Gravado em 1932 pelo cantor Francisco Alves.

Ismael perde, com a prematura morte, seu parceiro de muitos sucessos: Nilton Bastos (Rio de Janeiro, 12 de julho de 1899 – Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1931).

Em janeiro de 1931, Nilton Bastos e Ismael se apresentaram em um show com grande êxito, no Teatro Lírico, para premiar as melhores músicas para o carnaval, em fevereiro.

Ismael com o Francisco compuseram um samba em homenagem ao parceiro que tão cedo partiu. Há registros de que na partitura, consta: "Em homenagem a Nilton Bastos". O desconforto com a perda, evidente na letra: "Nem sempre o riso é alegria / Quantas vezes, noite e dia / Nós levamos a cantar para não chorar".

Muito embora Ismael frequentasse ambientes sofisticados, jamais abandonava a Saúde, Estácio, Lapa e Catumbi, onde comemorava o sucesso e contava o dia a dia.

A invasão de gêneros estrangeiros, na década de 40, deixou o sambista Ismael Silva meio perdido e fora do mercado das gravações.

No início dos anos 50, foi vencedor com o samba *Antonico* – o samba da solidariedade. Muitos imaginavam que o personagem Nestor fosse o próprio autor. O amigo de longas jornadas, Clóvis Scarpino, desfaz a situação: apenas a letra de um samba.

Carreira consolidada, sucessos e mais

**“Estou vivendo
com você / Num
martírio sem igual
/ Vou largar você
de mão, com
razão / Para me
livrar do mal”**

sucessos, muitas e muitas homenagens, até que em 1975, a Escola de Samba Canarinhos da Engenhoca, apenas com 4 anos de vida, decidiu homenagear o ilustre niteroiense e fundador da primeira Escola Samba, a Deixa Falar: Ismael Silva.

Ismael emocionado com a lembrança dos Canarinhos da Engenhoca, pois se considerava

esquecido pelas escolas de samba.

Incentivado pelo amigo Clóvis Scarpino compareceu aos ensaios e elegantemente trajado, todo de branco, ao desfile.

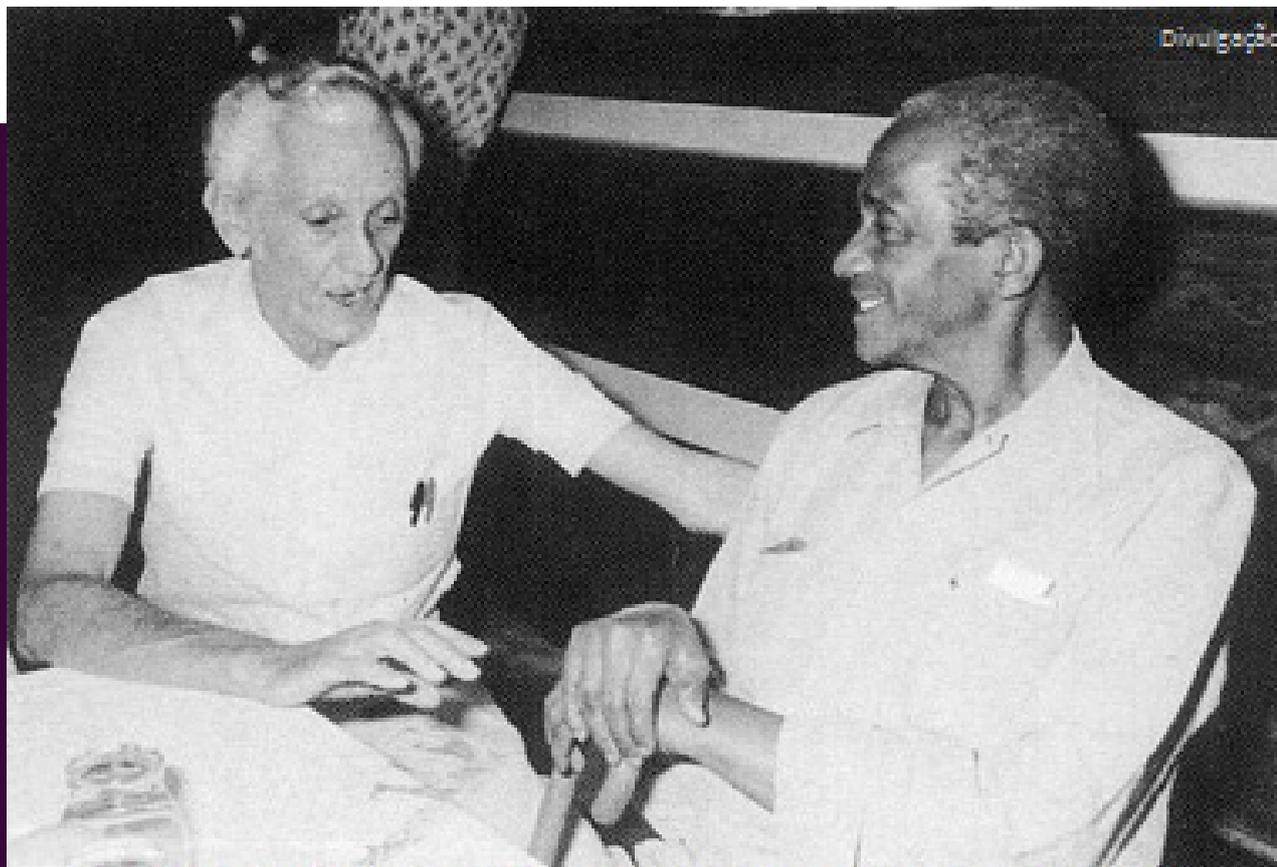
Mílton de Oliveira Ismael Silva, mais conhecido como Ismael Silva (Niterói, 14 de setembro de 1905 – Rio de Janeiro, 14 de março de 1978).

Nasceu no bairro de Jurujuba, Niterói. Filho de Benjamim da Silva e Emília Corrêa Chaves, era o caçula dos cinco irmãos.

Uma história de vida com muitas dificuldades, dias conturbados, outros de silêncio e solidão. Muitos e muitos momentos de glórias pelo tanto que contribuiu para o nosso cancionário. Em vida muitas e muitas homenagens recebidas.

Seus sambas, suas histórias, causos, elegância, pandeiros e tamborins hão de ecoar em nossos corações, acreditando que: “Quem espera sempre alcança / Nós vamos alimentando essa esperança”.

*Oswaldo de Papoula (à esquerda),
primeiro presidente da Deixa
Falar, ao lado de Ismael Silva
Fonte: MultiRio*





CONHEÇA SUA LÍNGUA

Parece ser voz corrente a atual descrença da necessidade de estudar e procurar conhecer a língua portuguesa. Basta abrir o Google, que a resposta vem pronta, dizem.

Acontece que um bom curso de inglês, ou francês, proporciona aos alunos a oportunidade de conhecer a gramática da língua, aliada à leitura, aos exercícios de redação e interpretação oral, além da declamação de poemas, e do gosto pelo teatro. São bons os resultados, desde que o estudante, adulto ou criança, ao estudo se dedique.

No caso da língua portuguesa, o brasileiro não consegue livrar-se de “seu terrível complexo de inferioridade” ante as línguas estrangeiras, menosprezando a sua própria, escreveu o professor José Oiticica, que foi grande professor de português do Colégio Pedro II.

Hoje, mais do que nunca, os conflitos mundiais sacodem povos contra povos, gerando o deslocamento de grandes massas, vindas de todos os continentes, que se instalam em outros países, com suas línguas e seus costumes. Cada nação precisa aprender a impor a sua soberania, para não deixar soçobrar seu patrimônio cultural: monumentos, literatura, música, tradições, e principalmente a língua, fator determinante de identidade de um povo.

Bem frouxa se faz a vigilância do bem público, notadamente a dos especialistas em questões de linguagem. É o que pode levar, propriamente falando, à abdicação da língua.

Toda língua tem uma estrutura, elemento fundamental da armadura “sagrada” que a constitui, e que se não for preservada, a frase não pode mais ser tomada como modelo de sua unidade.

Frase é o enunciado basicamente construído com verbo, e basta uma vírgula para determinar ou modificar o sentido de um texto; ou, se for o caso, não ser usada.

Tenho observado, até em textos escritos por pessoas de escol, que, sem cerimônia, usam a vírgula entre o sujeito (o termo de que se fala) e o verbo (declaração do sujeito), termos que já estão unificados pelo sentido e mantêm entre si estreita ligação lógica. Qualquer pausa entre esses termos só se torna possível pela entonação, para maior expressividade da fala.

Tenho um exemplo de estrutura simples, tirado de texto submetido a um concurso de contos: “Marinho trabalhava em um almoxarifado. Mas, seu sonho, era ser bibliotecário. E o sonho de ser bibliotecário, foi abandonado”.

A primeira vírgula, usada na frente do mas, está perfeita, uma vez que essa palavra liga um pensamento oposto, contrário ao exposto anteriormente (a vírgula separa o sentido). Usada em seu sonho, no entanto, não se admite, por serem palavras estruturalmente ligadas pelo sentido ao verbo – era. Pelo mesmo motivo, não deveria haver vírgula depois de bibliotecário, porque não houve também separação de sentido em relação ao verbo – foi.

E assim ficaria o pequeno exemplo: “Marinho trabalhava em um almoxarifado. Mas, seu sonho era ser bibliotecário. E o sonho de ser bibliotecário foi abandonado”.

Concluindo: não se separa o sujeito do verbo, juntos pelo sentido.



Eneida Fortuna Barros



BÊNÇÃO ESTELAR

*para os colegas do Curso Maria Sabina
– em especial, sua fundadora e
presidente Neide Barros Rêgo*

O Sol se põe após sua jornada.
Então a noite chega de mansinho,
e a lua, envolta em estelar arminho,
envia à terra luz azul-prateada.

Daqui contemplo a esfera imaculada:
milhões de estrelas... níveo torvelinho
a encher de paz e fé o meu caminho,
iluminando enfim a minha estrada.

E o Cruzeiro do Sul, cristã presença,
no lábaro estrelado, aviva a crença
de que ele envia bênçãos ao Brasil.

Olhando a cruz sagrada lá no céu,
de certo, se abre o coração do incréu,
ao descobrir Deus-Pai, no céu de anil!

*Menção Honrosa no Concurso Academia de
Letras do Estado do Rio de Janeiro, 2001*



Alba Helena Corrêa



AVANTE, BRASIL!

Avante, Brasil!
Os homens que te fizeram,
que por ti lutaram,
te enalteciram
e amaram
já não habitam este mundo.

Ajuda tua gente de agora
a lutar pela justiça.

Avante, Brasil!
Desperta teu povo
para, num brado feliz,
de união e de força,
livrá-lo deste mito:
"Deitado eternamente..."

Basta de injustiça,
discriminação e privilégios.
A hora é de acertar os ponteiros
das conquistas sociais.
A palavra de ordem
há de ser Justiça.
Justiça para todos.



Leda Mendes Jorge

*ABROL Estado do Rio de Janeiro
Rotary Club de Niterói-Norte*

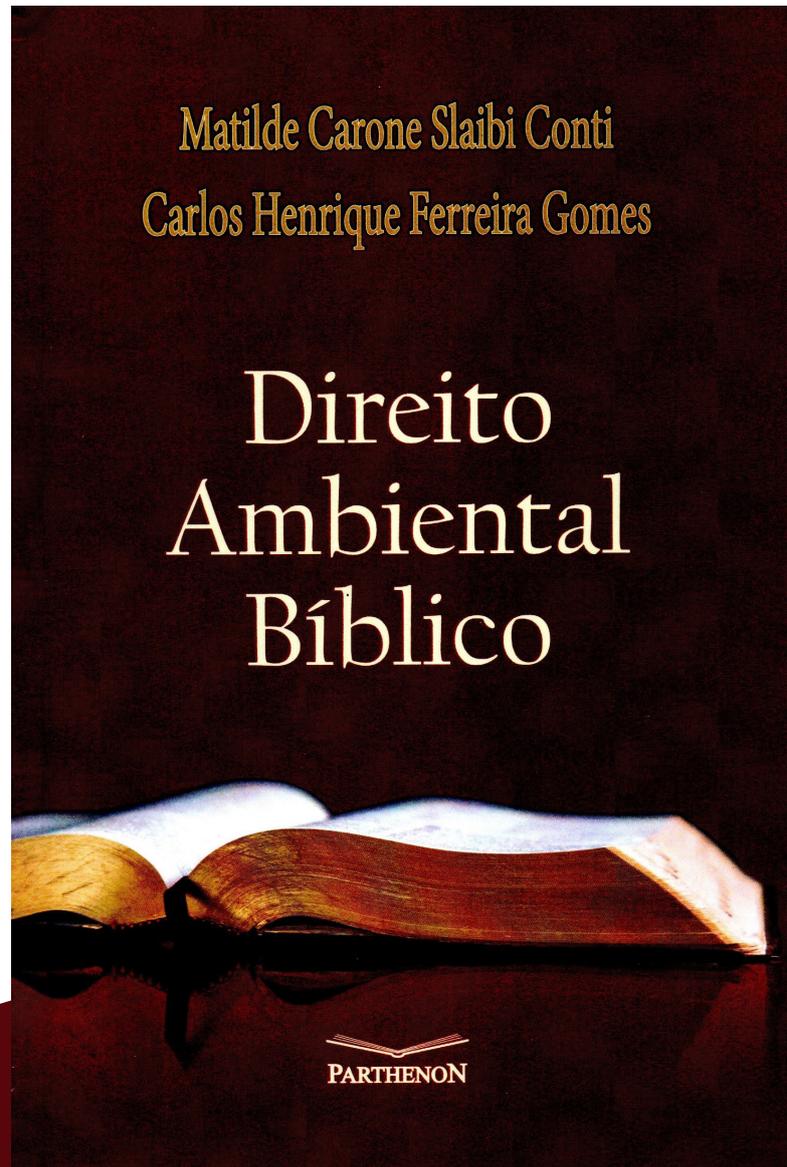
LIVRO: DIREITO AMBIENTAL BÍBLICO

Ao traçarmos o paralelo entre Lei Mosaica e a nossa Legislação pátria, temos como escopo destacar o caráter vanguardista do “Livro dos Livros”, a Bíblia; que já contemplava em época primeva o zelo protetivo para com o Planeta Azul.

Na exposição comparativa entre os dispositivos de ambas as Leis, ficará patente a pertinência e o valor deste livro sagrado, que influencia indelevelmente nossa legislação.

No texto do *Direito Ambiental Bíblico* ficará patente o papel outorgado por Deus através da pena do legislador bíblico ao Homem, a incumbência e dever de assumir responsabilmente o protagonismo na prevenção, manutenção e na utilização coerente dos recursos a nós legados pelo Criador.

Os capítulos estão assim dispostos: A Criação, A lei e a Fauna na Bíblia; A Lei e a Terra; Poluição e Higiene; Patrimônio Histórico Cultural e Paisagístico; a Educação Ambiental; e o último sobre a Ecoteologia. Boa leitura!





Academia Brasileira Rotária de Letras

Seção do Estado do Rio de Janeiro



CADEIRA Nº 1

Patrono: Paul Percy Harris (Fundador RI)
Fundador: Themístocles Américo Caldas Pinho

CADEIRA Nº 2

Patrona: Jean Thompson Harris (Honorária)

CADEIRA Nº 3

Patrono: Silvester Schiele (Fundador RI)
Fundador: Aroldo Gonçalves Pereira

CADEIRA Nº 4

Patrono: Hiram Shorey (Fundador RI)
Fundador: Márcia Carestiato Sancho

CADEIRA Nº 5

Patrono: Chesley Perry (Fundador RI)
Fundador: Odílza Vital Fill

CADEIRA Nº 6

Patrono: Herbert J. Taylor (Prova Quádrupla)
Fundador: José França Conti
Membro atual: Vaga

CADEIRA Nº 7

Patrono: Arch Klumph (Fundação Rotária)
Fundador: Flávio Zárate Chabluk

CADEIRA Nº 8

Armando de Arruda Pereira (Presidente RI)
Fundador: Phabricio Petraglia

CADEIRA Nº 9

Patrono: Ernesto Imbassahy de Mello (Presidente RI)
Fundador: Waldenir de Bragança

CADEIRA Nº 10

Patrono: Acácia Brazil de Mello (Presidente Casa Amizade Niterói 1948-49)
Fundador: Carla de Mello Vorsatz

CADEIRA Nº 11

Patrono: Paulo Viriato Corrêa da Costa (Presidente RI)

CADEIRA Nº 12

Patrono: Levy Fernandes Carneiro (Rotariano de 46 | ABROLENSE

Niterói, fundador da OAB)

Fundador: Matilde Carone Slaibi Conti

CADEIRA Nº 13

Patrono: Almir Brandão Maciel (EGD 1940-41 RC Campos)

Fundador: Alberto Rosa Fioravanti

CADEIRA Nº 14

Patrono: Plínio Leite (EGD 1941-42 RC Petrópolis)
Fundador: Daniella Vita Carbutti Gomes

CADEIRA Nº 15

Patrono: Moacyr Junqueira (EGD 1953-54 RC Miracema)

CADEIRA Nº 16

Patrono: José Reddo Cid (EGD 1955-56 RC Niterói)
Fundador: Dalton Carestiato

CADEIRA Nº 17

Patrono: José Lavaquial Biosca (EGD 1957-58 RC Santo Antônio de Pádua)
Fundador: Joel Pereira de Souza

CADEIRA Nº 18

Patrono: Arthur Dalmasso (EGD 1964-65 RC Teresópolis)
Fundador: Neuza Biolchini

CADEIRA Nº 19

Patrono: Santiago Carvalhido Filho (EGD 1967-68 RC Campos)
Fundador: Nylson Macedo

CADEIRA Nº 20

Patrono: Osmar da Silva Araújo (EGD 1978-79 RC Niterói)

CADEIRA Nº 21

Patrono: Andral Nunes Tavares (EGD 1979-80 RC Campos)
Fundador: Roberto Carlos Monteiro

CADEIRA Nº 22

Patrono: Elysette de Oliveira Moralles (EGD 1982-83 RC São Gonçalo)

CADEIRA Nº 23

Patrono: José Danir Siqueira do Nascimento (EGD 1985-86 RC Niterói)

Fundador: Justiniano Conhasca

CADEIRA Nº 24

Patrono: Francisco Paes Filho (EGD 1986-87 RC Campos)

Fundador: Gilson Miguel de Bessa Menezes

CADEIRA Nº 25

Patrono: Juarez Santos Silva (EGD 1988-89 RC São Fidélis)

CADEIRA Nº 26

Patrono: Flávio de Mattos (EGD 1989-90 RC São Gonçalo)

Fundador: Miguel Mendonça Pinheiro

CADEIRA Nº 27

Patrono: Ubirayr Ferreira Vaz (EGD 1991-92 RC Niterói-Norte)

CADEIRA Nº 28

Patrono: Helson Batista de Souza (EGD 1992-93 RC Campos São Salvador)

Fundador: Francisco Tomaz Espinosa Oliveira

CADEIRA Nº 29

Patrono: Jorge Manuel Ramalho Monteiro (EGD 1997-87 RC Maricá)

Fundador: Luiz Oscar Valadão Spitz

CADEIRA Nº 30

Patrono: Renato Figueiredo de Oliveira (EGD 2000-01 RC Cabo Frio)

Fundador: Antônio Baptista Filho

CADEIRA Nº 31

Patrono: Joel Coelho dos Santos (EGD 2004-05 RC Niterói)

Fundador: Ricardo Fonseca de Pinho

CADEIRA Nº 32

Patrono: Joel Rodrigues Teixeira (EGD 2006-07 RC Niterói Pendotiba)

CADEIRA Nº 33

Patrono: Horácio Pacheco (RC Niterói-Norte)

Fundador: Angela Maria Riccomi de Paula

CADEIRA Nº 34

Patrono: Carlos Tortelly Rodrigues da Costa (Honorário RC Niterói-Norte)

CADEIRA Nº 35

Patrono: Diléa Rodrigues Pereira do Nascimento (Presidente Casa Amizade Niterói 1973-74 / 2003-04)

Fundador: Roseni Kurányi

CADEIRA Nº 36

Patrona: Margarida Lima (Presidente Casa Amizade Niterói 1951-52 / 1958-59 / 1972-73)

CADEIRA Nº 37

Patrono: Orlando Graneiro (RC Niterói)

CADEIRA Nº 38

Patrona: Dilma Nascimento Graneiro (Presidente Casa Amizade Niterói 1992-93 / 2014-15)

CADEIRA Nº 39

Patrono: Ary Rodrigues Ornellas (RC Niterói)

CADEIRA Nº 40

Patrono: Augusto de Moraes Bittencourt (RC Niterói-Norte)

CADEIRA Nº 41

Patrono: Padre Humberto Lindlauf (Honorário RC Itaperuna)

Fundador: Luiz Leite Araújo

CADEIRA Nº 42

Patrono: Édio Muniz de Andrade (RC Maricá)

Fundador: Leda Mendes Jorge

CADEIRA Nº 43

Patrono: Luiz Agostinho Carvalho Perrerraz (RC Niterói-Norte, escritor)

Fundador: Angela Cristina Ferreira de Siqueira

CADEIRA Nº 44

Patrono: José Lobo Bessa (RC Niterói, escritor)

CADEIRA Nº 45

Patrono: Manuel Machado (RC Niterói-Norte, ajudou no projeto da Casa da Amizade)

CADEIRA Nº 46

Patrono: Roberto Macieira (RC Niterói-Norte, ajudou a construir Casa da Amizade Niterói)

CADEIRA Nº 47

Patrono: Alfredo Nieva (RC Niterói-Norte, ajudou no projeto da Casa da Amizade)

CADEIRA Nº 48

Patrono: Hipólito Sérgio Ferreira (ex-Diretor de RI)

Fundador: Aristeu Pessanha Gonçalves

CADEIRA Nº 49

Patrono: Archimedes Theodoro (presidente Comissão PólioPlus e Curador da Fundação Rotária)

Fundador: João Aylmer de Azevedo Souza

CADEIRA Nº 50

Patrono: Vaga



abrolrj.org.br